

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR



CONTOS E POEMAS

Vol. III

TÃO DISTANTE

Selo Conexão Literatura

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-01-61459-5
2025
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

SONHOS QUE ECOAM PARA A ETERNIDADE, POR ADRIANA LINO A MANZAN, PÁG. 05
AS CEREJAS AINDA NÃO ESTÃO MADURAS, POR ADRIANA LINO A MANZAN, PÁG. 10
ENQUANTO SIGO EM DECASSÍLABO, POR ALEXANDRE C. DE J. NOLÊTO, PÁG. 15
O CONVITE, POR ALEXANDRE PEROBELLI, PÁG. 18
SENHOR DA NOITE, POR ALEXANDRE PEROBELLI, PÁG. 23
DESTINOS DESCONECTOS, POR ANDRÉIA ZANETTE, PÁG. 29
NÃO SIRVO PARA TI & VOCÊ NÃO SERVE PARA MIM, POR BARBIE DOG, PÁG. 31
CADÊ O ABRAÇO?, POR DJALMA RIBEIRO JUNIOR, PÁG. 33
LONGE DO IDEAL, POR D•RUTTY, PÁG. 38
A MORTE DO CASTELINHO, POR ELZITA FERREIRA VIDAL, PÁG. 41
O AMOR QUE SEPARA É O MESMO QUE UNE, POR FABIO B., PÁG. 43
VELHOS AMIGOS, POR JULLYANA JACQUIMINUT, PÁG. 46
ENTRE O QUE SOMOS E O QUE TOCAMOS, POR NEYREID RIBEIRO MALTAURO, PÁG. 49
NADINE E AS FENDAS DO TEMPO, POR PAULA CALEFFI, PÁG. 52
UMA INFÂNCIA INTEIRA, POR PRISCILLA FONSECA, PÁG. 56
PASSOS SOBRE PASSOS, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 59
MISSÃO A CUMPRIR, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 61
ERRO E CORREÇÃO, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 63
CONTAR NOS DEDOS, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 65
NAS MÃOS DA SORTE, POR SILLAS CEZAR, PÁG. 67
SEU MEDO, MINHA TRISTEZA, POR THAÍS BORGES, PÁG. 71
O MURO, POR THAÍS BORGES, PÁG. 73
FOGO, POR THIAGO ALBERTO SCHUENCK LARSEN, PÁG. 75
LEMBRA?, POR THIAGO ALBERTO SCHUENCK LARSEN, PÁG. 79
CASO DE FAMÍLIA, POR THIAGO ALBERTO SCHUENCK LARSEN, PÁG. 84
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 89

CONTOS E POEMAS

Vol. III

TÃO DISTANTE

Selo Conexão Literatura



CONTOS E POEMAS

Vol. III

TÃO DISTANTE

A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Sonhos que ecoam para a eternidade

Por Adriana Lino A Manzan

Educadora, psicopedagoga e mestre em educação. Foi gestora de Centros Municipal de Educação Infantil em Goiânia. Professora em graduação e especialização em pedagogia e especialização em educação infantil. Formadora de grupos de contadores de histórias, com professores e crianças, desenvolvendo projetos de resgatar o lugar da palavra, como forma de intercambiar experiências. Autora das obras: Entre Risos e Palavras, Goiânia, Kels, 2024; O Deus das Montanhas é o Deus dos Vales, Goiânia, Kelps, 2024. Co-autora dos livros: O Professor conta a sua História, SME, Goiânia, 1999; Mude seus Hábitos, Mude sua Vida, Goiânia, Kelps, 2023.

A distância é um vazio que pesa, uma ausência que nunca se preenche, um abismo invisível, solitário e profundo. Saudade é o nome desse vazio. Ela é a distância entre o que existiu e o que não existe mais, a distância entre um passado como lembrança e um presente que machuca. É quando se recorda de alguém que não se pode mais ver, é quando o coração chama e ninguém responde, porque entre os dois abriu-se uma distância enorme, a distância entre o Céu e a Terra. Essa saudade não passa, não se mede em tempo, mas em eternidade.

A distância entre este mundo e o outro é feita de lembranças que teimam em não se apagar, mas que parecem se dissolver no tempo, como se o próprio tempo quisesse cruelmente, apagar as marcas deixadas por quem partiu cedo demais.

Algumas histórias nascem para não serem esquecidas. A história do meu irmão é uma dessas histórias. São feitas de recordação e memória, de lágrimas e esperança, de um fio invisível, que mesmo quando a vida se interrompe, continua a nos ligar para sempre. Alguns sonhos são grandes demais para morrer: algumas vidas continuam na eternidade, os sonhos que jamais apagam... sonhos que continuam ecoando.

Mas ainda assim há um medo silencioso de que o tempo apague as lembranças, de que a história e memória se percam... Por isso escrevo, porque há sonhos que merecem ecoar para além do tempo.

Não sei bem por onde começar... Sua história parece grande demais para caber em palavras, mas preciso tentar. Está na hora de registrar a história do doutor Fran. Você já ouviu falar dele? Sabe quem ele é? Provavelmente não. Mas não o culpo, como ia saber? Sua história nunca foi contada, foi silenciada junto com centenas, talvez milhares de médicos, que se foram na pandemia. Partiu sem tempo de se despedir, sem tempo de contar sua história com suas próprias palavras. Mas aqui estou para contar, para que sua vida não seja um número a mais em estatísticas frias, para que sua memória não se dissolva na poeira das coisas esquecidas

Quando o mundo parou, dr. Fran não parou. Quando muitos se recolheram, ele avançou. Foi um herói silencioso que escolheu viver para servir. Médico intensivista, lutou na linha de frente, salvou vidas, confortou famílias, e com a própria vida escreveu um capítulo eterno de amor e entrega. Escolheu com o coração a profissão de quem carrega nos ombros o peso da vida alheia. Foi um herói que não pediu aplausos, um guerreiro

sem armadura, movido apenas pela urgência de salvar, de fazer a diferença, de devolver ao outro aquilo que a morte ameaçava roubar. Mas sua própria vida lhe foi cobrada.

A pandemia não levou só sua respiração, mas também o som da sua história. Ele se foi e o mundo continuou como se nada tivesse acontecido. Mas sua vida, sua história não ficará perdida entre os números de mortes por COVID, não para nós que o amamos. Sua voz ecoa nas lembranças, seu riso atravessa a distância que nos separa, suas palavras não ditas continuam vivas dentro de mim. Quero manter viva a chama da luz acesa por ele, da esperança que trouxe, das lutas travadas e das vitórias alcançadas.

Quem era ele? Quais foram seus feitos? Como foi sua vida? Quais foram os seus sonhos? Por que escolheu essa profissão e não outra? O que o levou a fazer essa escolha? Como foi a sua infância?

Ele não foi apenas um médico. Foi um homem de sonhos grandiosos e urgentes, como se soubessem, sem saber que o tempo seria breve. Ele era intensidade em tudo o que fazia, amava com força, trabalhava com paixão, e sonhava com precisão. Tinha pressa de viver, de realizar, de amar. Era aquele que iluminava os dias escuros dos outros, quando os próprios dias se tornaram sombrios.

Quando criança tinha muitos sonhos de profissões que o encantavam. Queria ser bombeiro inspirado pela profissão do cunhado, queria ser policial e piloto de aviões de caça. Tinha uma coleção desses aviões em miniaturas. Pensávamos que seria mesmo piloto, que alcançaria os céus. Mas na verdade o que ele buscava era outro tipo de voo, aquele que se ergue não sobre as nuvens, mas sobre as dores humanas.

Filho mais novo entre cinco irmãos, passando a ser o segundo mais novo, depois que meus pais adotaram um menino, os quais conviveram ainda na infância. Eu e a minha irmã, como irmãs mais velhas, ajudávamos nossa mãe a cuidar deles, eu particularmente a cuidar do Fran. Depois que nossa mãe se foi, Fran adotou minha irmã como mãe, porque de fato ela era. Fez medicina em outro estado, Montes Claros, Minas Gerais. Quando fazia plantão fora de sua cidade, minha irmã não dormia enquanto não recebesse a ligação dizendo: - já estou em casa, pode dormir, está tudo bem.

A vida, porém, não lhe foi fácil. Antes de se tornar o médico admirado, o amigo querido, o pai amoroso, houve batalhas travadas no silêncio. Enquanto cursava medicina sua alma mergulhou na sombra da depressão - um abismo invisível - solitário e profundo. Chegou a trancar o curso, desviou-se do caminho e em um gesto de afirmação ingressou na polícia civil. Era como se naquele momento ele precisasse provar a si mesmo que era

possível fazer valer todos os sonhos e que a vida podia ser conduzida pelas próprias mãos.

Mas havia em seu coração uma chama que não se apagava. Foi o amor da família, o olhar atento do irmão mais velho, também médico, que o fez reencontrar a rota. A medicina não era apenas uma escolha profissional: era seu chamado. Era onde sua alma ferida e renascida, poderia servir aos outros e ao mesmo tempo encontrar sentido para si mesmo. Voltou. E foi acolhido pela Universidade Federal de Montes Claros, lugar que lhe dera mais que um diploma: dera-lhe um nome para esperança. Ali aprendeu que nenhuma conquista vale mais do que a vida humana, que todo saber é vão, se não estiver a serviço do amor. Venceu! As tempestades de sua alma cessaram. Casou-se, tornou-se pai de três filhos, que eram o brilho dos seus olhos. Retomou a fé, a alegria, a missão e passou a viver com uma intensidade quase premonitória, como se soubesse que cada instante precisava ser inteiro.

Por isso tinha pressa de viver, não por medo, mas por sede de fazer a diferença, de marcar o mundo com gestos de bondade, de ser presença viva e transformadora, onde quer que fosse. E foi assim que ele atravessou a pandemia, não como espectador, mas como protagonista. Nos dias mais terríveis da pandemia, ele seguia firme. Plantões intermináveis, respiradores escassos, o cansaço roendo os ossos, mas ele seguia. Trazia café para os colegas, palavras para o aflito e esperança para quem já não esperava nada.

Quem o visse andar pelos corredores do hospital, não pensava que ele era um médico, parecia um maestro. Andava de braços abertos, voz vibrante e riso fácil, mesmo no caos. Ele acreditava que curar era mais que prescrever. Era estar. Era ser. Era tocar. Ele tratava histórias e não sintomas. Era generoso até mandar parar. Teimoso como era, resistiu a ir para casa. Quando a irmã-mãe o lembrava de uma tal comorbidade, ele dizia: tem gente mais grave.

Até que ele mesmo ficou doente. Quando foi internado, tentava levantar da maca para orientar os residentes. Mas teve uma vez que não voltou. E o hospital por um tempo ficou mais frio.

Agora tudo se mostra tão distante... Com o passar dos anos, todos parecem esquecer... mas nós, que o amamos, não esquecemos: seu pai não esqueceu, sua irmã-mãe não esqueceu, mãe nunca esquece... alguns amigos também não o esqueceram.

Ele era aquele tipo de gente rara, marcante demais para ser esquecido. Fazia amizades com facilidade, conversava com todos e sobre todos os assuntos. Era alegre, destemido, cheio de fé.

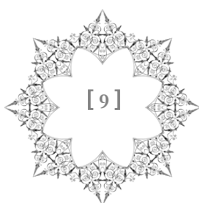
Muitos choraram sua perda...os pacientes, a dona da padaria, o dono do mercado, a dona da sorveteria, lugar onde ia aos domingos com os filhos, alguns de seus professores e tantos outros amigos que fez na cidade em que não nasceu, mas passou a ser sua cidade, porque foi ali que se formou, casou-se e teve seus três filhos. Quando partiu seus tinham: sete, quatro e um bebê de um ano e dois meses. Porém, nem todos os sonhos cabem nas poesias. Alguns esbarram na dura realidade do dia a dia. Falo da pensão deixada por meu irmão, que não cobre o essencial como; a educação dos três filhos hoje e suas faculdades amanhã. Lembrei-me dos filhos de um jogador famoso que faleceu e que foram amparados pelo clube em que jogava! Que bom, fiquei feliz por eles! Mas me pergunto: quem amparará os filhos de quem salvava vidas?

A distância e o tempo não podem apagar as lembranças, a memória e a história de quem ele foi. São histórias que foram vividas e que continuam vivas e pujantes, através da vida de seus filhos, das lembranças e memórias que guardamos no coração.

Ele sonhava com um futuro simples e grandioso ao mesmo tempo. Sonhava em ver os filhos crescerem, irem para a faculdade, se formarem, se casarem. Queria viajar, queria deixar um legado de bondade e competência, queria fazer a diferença para cada pessoa que passasse pela sua vida. Queria construir um futuro tranquilo para sua família. Sonhava com dias comuns, aqueles dias simples, que para muitos passam despercebidos, mas para ele, eram preciosos: os passeios de domingo com os filhos no parque, o almoço com variedades de pratos, a sessão de cinema. Ele não deixou apenas saudade, deixou um legado de amor, coragem e humanidade. Deixou também um vazio, esse abismo silencioso que a ausência cava no peito de quem fica.

No entanto, sua voz ainda ecoa nas lembranças, seu riso atravessa a distância que nos separa, suas palavras não ditas continuam vivas dentro de mim. Ele vive também aqui nessas palavras que contam sua história. Os sonhos que ele sonhou, continuam ecoando: estão nos filhos que estão crescendo, estão nas vidas que ele tocou, nos gestos de amor que espalhou, no exemplo de quem ousou ser mais que espectador da própria existência.

Porque alguns heróis não vestem capas, não calçam chuteiras, mas vestem jalecos.



CONTOS E POEMAS

Vol. III

TÃO DISTANTE

A P R E S E N T A M O S O C O N T O

As cerejas ainda não estão maduras

Por Adriana Lino A Manzan

Educadora, psicopedagoga e mestre em educação. Foi gestora de Centros Municipal de Educação Infantil em Goiânia. Professora em graduação e especialização em pedagogia e especialização em educação infantil. Formadora de grupos de contadores de histórias, com professores e crianças, desenvolvendo projetos de resgatar o lugar da palavra, como forma de intercambiar experiências. Autora das obras: Entre Risos e Palavras, Goiânia, Kels, 2024; O Deus das Montanhas é o Deus dos Vales, Goiânia, Kelps, 2024. Co-autora dos livros: O Professor conta a sua História, SME, Goiânia, 1999; Mude seus Hábitos, Mude sua Vida, Goiânia, Kelps, 2023.

Há dias que são mais difíceis do que outros, há dias mais tempestuosos, dias mais cinzas, e a saudade grita mais forte. Se eu soubesse que iríamos ficar tanto tempo separadas, teria te abraçado mais, teria dado mais risadas juntas... Nem despedimos direito! Mas também não queria despedir de você.

Clarisse Lispector diz que lembrar com saudade é como despedir de novo e eu não queria que fosse preciso despedir de você. Lispector também diz que saudade é como fome, só passa quando se come a presença da pessoa. E enquanto isso vou ficando por aqui, sentindo saudade, sentindo a falta de sua presença, de sua voz escandalosa, da sua alegria contagiante, do seu ânimo em passear, conhecer coisas novas, ir a lugares já conhecidos, costumeiros, mas que parecia algo novo e extraordinariamente, inusitado pelo seu desejo de ir.

E a sua falta vem dizendo todos os dias: volte, volte, volte mesmo se for pra gente brigar, gritar uma com a outra, mesmo se for para ficar com raiva de você, quando pegava minhas coisas sem falar comigo, mesmo quanto ficava impaciente e queria que eu fizesse o que desejava no mesmo instante, como se o mundo fosse acabar naquele dia.

É, você era muito impaciente, ou será que eu era impaciente com você? Será que você ainda é impaciente ou aprendeu a esperar? Tenho pensado que anda mais tranquila agora, porque onde está tem todo o tempo do mundo ao seu dispor...uma eternidade... e eu? O que faço até lá? E essa saudade que fica como sombra, que grita no silêncio das minhas lembranças?

Outro dia atrás, ouvi sua voz, pensei que tivesse chegado, fui até o seu quarto e você não estava lá... não estava em nenhum cômodo da casa. Sinto sua falta nas pequenas coisas, nos detalhes mais bobos do dia e é justamente aí que a saudade machuca mais, no lugar invisível que você deixou.

Tem dias em que a falta que você faz é tão grande que até o ar parece mais pesado e o mundo mais lento, como se tudo estivesse esperando você voltar. Hoje, por exemplo, foi um desses dias, o céu amanheceu escuro como que quisesse chorar. Não gosto de dias assim. E a chuva veio, e as lágrimas vieram junto com a chuva. Nesses dias, procuro me apegar às lembranças boas, alegres e bonitas que vivemos juntas... mas cada lembrança sua é um abraço apertado que o tempo não consegue dar. Tempo, tempo, tempo. Não é o tempo que vai me ajudar, porque quanto mais tempo passa, mais a saudade vem. O que dói mesmo na saudade é não saber quando ela vai embora. Essa

falta não tem a ver com o tempo que não te vejo, tem a ver com a vontade que tenho de estar com você, de ouvir você chamar meu nome repetidas vezes, de me dar boa noite, dizer que vai dormir e continuar conversando animadamente. Você tinha dificuldade de se despedir. Quando ia visitar alguém próximo, nossa irmã, sua sobrinha; se despidia e dizia que ia embora; dava uns mil tchau e continuava ali conversando como se estivesse acabado de chegar.

Como dói essa saudade... um vazio... um vazio que ocupa espaço dentro do coração, aperta o peito, acaba transbordando e escorrendo pelos olhos. Mas insisto com minha mente e coração, em não lembrar de nada que possa me deixar para baixo. Procuro manter vivas as lembranças boas e alegres que estivemos juntas, e assim tenho você sempre perto de mim.

Lembro-me da nossa infância, as três irmãs juntas, sempre juntas, as três Marias. Brincávamos que éramos as três Marias, não as estrelas da constelação de Orion, mas Marias por causa dos nossos nomes que levam Maria em homenagem à nossa mãe que se chamava Maria. Você era Maria Flor, eu Maria da luz e a nossa irmã Maria da Graça.

Lembro-me de como sofri quando descobri que você era diferente. Demorei para entender aquilo! Naquele tempo não havia estudos para diagnosticar algo no comportamento humano fora do padrão. Mas à medida que fui crescendo, fui entendendo, fui descobrindo que você não ia dar as respostas que se esperavam como certas. Fui te entendendo, aceitando, te amando, como você era e daí em diante, não quero dizer que de vez em quando não tive lá minhas crises, mas passei a querer te proteger de tudo e de todos. Eu tinha que te proteger, porque o mundo não aceita quem é diferente. Agora posso te contar isso; sabia que uma amiga me chamou para brincar e pediu pra não te levar, porque você era menor, não entendia a brincadeira e ficava só colada em mim. Sabe o que eu fiz? Fui embora. Outra colega ficou triste por isso, foi embora também, e ela ficou lá, sem ninguém para brincar com ela. Depois disso você deve ter sofrido muitas rejeições, principalmente quando eu e nossa irmã, não estávamos por perto.

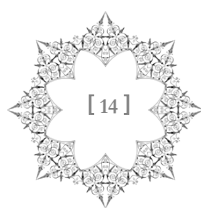
E essa tal de inclusão? Até hoje não acontece de fato, porque INCLUSÃO é aceitação, e isso não acontece por decreto, vem do coração. Falar sobre isso dói mais do que a saudade. Mas como disse, não quero trazer à memória o que pode me deixar triste, mas " quero trazer à memória" o que pode me dar alegria de ter tido uma irmã tão especial! Você me ensinou a ver a vida de uma maneira diferente, a valorizar os momentos simples, a encontrar beleza em tudo, e a ver a vida com alegria e gratidão. Você sabia lidar com os

espinhos da vida. Se alguém te rejeitasse, você simplesmente riscava o nome dela da lista dos afetos e pronto, seguia em frente. Mas nem tudo são espinhos, tinham flores. Havia pessoas que realmente te amavam, e não estou falando só de nós, da sua família. Existiam pessoas que te aceitavam de coração, que sabiam do seu valor e que via beleza em você mesmo com suas limitações, afinal todos temos nossas limitações.

Você não deixava se abater pelas rejeições e desafetos. Você tinha uma perspectiva e uma percepção diferente, uma sabedoria que vinha do coração. Você entendia perfeitamente que a vida não é feita só de momentos alegres, mesmo assim você vivia com alegria, com ânimo de viver e sempre com um sorriso no rosto. Você gostava de se arrumar e se achar bonita. Você gostava muito de um bom papo, como gostava de conversar, acho que até mais que passear. Você também gostava de presentear, essa sempre foi sua linguagem de amor. Você irradiava uma luz especial, uma energia que contagiava a todos ao seu redor.

As lembranças do que vivemos juntas na infância vêm agora à memória com mais frequência. Quando éramos crianças, tínhamos em nosso quintal um pé de cerejas silvestre, amávamos ir para debaixo dele colher seus frutos. Dava para pegá-los apenas esticando os braços. Íamos as três juntas, ia sozinha e gostava de ir com você. Certa vez, propus a você, colhermos juntas as cerejas maduras e levá-las para nossa brincadeira de cozinhadinho. Era uma árvore de pequeno porte, por isso mesmo pequenas, conseguíamos pegá-las. Às vezes ficávamos na ponta dos pés para alcançá-las. Essas frutas, quando estavam de vez, eram de cor alaranjadas, quando maduras, eram vermelhas. Então, você colheu uma de vez e comeu e eu disse a você: — espera, não coma essas, vou procurar as maduras para você. Dei uma volta pelo pé, procurando as frutinhas maduras que alcançava. Voltei, você estava com as mãos cheias das frutas de vez. Tentei tirá-las das suas mãos, mas você se agarrou a elas e disse: — eu gosto é assim! Não entendo, eu me esforçando, puxando os galhos para baixo, para pegar as frutas maduras, me machucando, e você me dizia que gostava das de vez. Fiquei indignada e um pouco decepcionada. Como aquelas cerejas que não estavam maduras, você tinha que esperar mais tempo... você foi embora quando ainda estava de vez. Eu sei, você não gostava delas maduras, você também não gostava de despedidas, você não queria ir, mas foi... e eu nem fiquei sabendo porque você se foi. Sei que sempre vou sentir saudades suas, porque ela será a memória do amor que nunca morre. Então, só me resta te agradecer por ter me feito sorrir, amar, admirar, assustar, indignar e a aceitar o que não

podemos mudar. Não importa quanto tempo ou quanta coisa aconteça, guardo no coração, a esperança, a certeza de nosso reencontro. Até lá!



CONTOS E POEMAS

Vol. III

TÃO DISTANTE

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Enquanto sigo em decassílabo

Por Alexandre C. de J. Nolêto

Nascido em Teresina (PI), formado em Direito com especialização e mestrado na área, já tendo desenvolvido várias profissões jurídicas (Advogado, Delegado, Professor, Defensor Público). É autor das obras Herança Sombria (romance), Tribulação (romance), EM-CONTOS E DESENCANTOS (conto) e participante das publicações das antologias CONTOS, POEMAS E LENDAS, INVICTUS, VAN GOGH, ENTRE LINHAS E SENTIMENTOS, autor do projeto de leitura LER E CRESCER SÃO PASSOS DA MESMA CAMINHADA, atuou como jurado no PRÊMIO PROVERBO DE LITERATURA e é palestrante em diversos eventos.

Solidão de quem não sabe dizer
Se companheira, algoz, talvez irmã.
Sei lá, si, dó (tu em ré), me és sol nascer,
Tão bem querer, sou todo em afã.

Ver-se só, frente à tal solidão.
Verso constante essa ausência aqui,
Prosa de assombro? Tens sim! (Ter-te, não.)
Conto o que lembro, ali vejo em ti.

Só neste ponto, só um “eu” de fuga.
Sol, toldo meu resiste; rumo à ruga.
Soa ao som da chuva que madruga,
Sob o toldo, tez nunca nem enxuga.

Quão de herói que deu muito de se
Braço hábil, perna ágil, viril quisto.
Dize-me algoz, destrói-me sem sentir
Rejeição dói, é rogar a Deus meu, Cristo.

Rio de mágoa à beira da loucura
Quiçá, brinde a zombar de tantos “nós”
Mas do nó venha laço de doçura
Mar de tempos que não deixe a sós.

Mas, enquanto ida turva é mais cega
Olhos buscam o foco e o clarear.
Valham-se, pois, da vista, ao que se rega
Caminho a florir, hei de esperar.

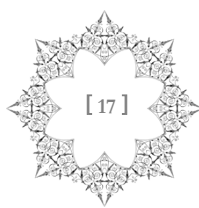
Eis o muro, lá está; intransponível.
Ao outro lado falta ao rio a ponte

Choro em esperança vã, risível
Se sou rio, então, também antes fui fonte.

Pensava assistir, atento, à tela
(a pintora fugiu de cá e de lá)
Não há mais cantoria de voz bela;
Nem pena ou clave pode destravar.

De um lado, resta só de ver pretérito
Daqui, outro lado, resta o preterido
Na equação pode haver, em mim, demérito
Do passado, nem resto é conhecido.

Perceptível a nota a desbotar
Tela sem rima, verso sem ter som
Sol, chuva em toldo vítreo a vazar
Ida cega, passado é sem tom.



CONTOS E POEMAS

Vol. III

TÃO DISTANTE

A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O convite

Por Alexandre Perobelli

Eu me chamo Alexandre Perobelli Teixeira, tenho 28 anos. Paulistano. Considero-me um tanto nerd. As diversas mídias que consumo me servem de inspiração, são elas: filmes, games, livros e séries. Sou autor de dois livros de poesia publicados pela editora Viseu no ano passado. Ainda sou um escritor principiante, e esses foram meus primeiros livros lançados, respectivamente, "Diário de Carol" e "Vidas Desgraçadas". Tenho paixão pela escrita, e meu desejo seria de viver só disso algum dia.

Otávio abre desanimadamente às correspondências acumuladas na caixa do correio. Ele já sabia o que esperava encontrar ali, não haveria nenhuma novidade nas cartas além de cobranças de boletos e recordação do nome negativado; o resto eram panfletos publicitários de diversas lojas. A vontade dele era botar fogo em todas elas.

Como previsto, lá estavam os novos problemas que demorariam serem sanados, e pouco tempo ele teria de alívio, pois as próximas mensalidades estariam na iminência de chegarem. E assim Otávio seguia sua vida, sem muitas expectativas e otimismo. Até que ele encontra entre as correspondências algo muito fora do comum.

O nome do remetente: Matheus Fonseca. Seu melhor amigo de infância. Otávio não acreditou no que tinha em mãos. Ele tinha certeza que já havia sido esquecido pelo amigo há muito tempo.

— Irmão, como você tem passado? Eu sei que faz um bom tempo. Estávamos tão preocupados tocando nossas vidas que até deixamos de nos falar, não é? As responsabilidades que você tanto temia quando jovem chegaram com os dois pés na porta, e acabamos soterrados em nossas rotinas — Dizia Matheus na carta endereçada ao amigo.

“Ahh. Nem sei se eu devo pedir desculpas por ter me afastado e não ter dado satisfação de todo esse tempo. Nem sei se você se importou com isso ou não. Eu não queria te ofender, mas o fato de você ser um maldito acomodado me ajudou a te encontrar. Eu só tinha seu endereço antigo, e para minha sorte, você ainda mora aí; o que me facilitou um bocado.”

Otávio reconhece as palavras do amigo na carta, e não consegue deixar de rir quando chamado de “maldito acomodado”. Aí estava uma verdade acachapante a seu respeito.

“Depois de uma fase ruim, eu finalmente comecei, como podemos dizer, vencer na vida. E eu adoraria compartilhar essa boa fase dela com todas as pessoas que são importantes para mim. Você, cara, é uma delas. Minha juventude foi ótima graças a você. Eu devo muito a você por isso. Não consigo deixar de me sentir culpado por esse longo período que nós ficamos afastados.”

Matheus foi sempre muito eloquente com as palavras. Diferente de Otávio, que nunca teve uma boa oratória e problemas de dicção que foram estigmas terríveis na sua infância. Agora Matheus já deveria ter alcançado o nível de loquacidade de um diplomata.

“Eu gostaria de te encontrar novamente. Não teremos muitas oportunidades depois, pois, não estarei mais aqui por muito tempo. Planejo me mudar para Madri com minha família dentro de oito meses ou menos. Eu sei que é pouco tempo para compensar tantos anos ausentes ou me redimir por isso, mas eu adoraria aproveitá-los ao seu lado. Abaixo está meu endereço. Apareça quando quiser que você será muito bem vindo.”

Gotas molham a carta. Lágrimas? Otávio se surpreende por estar chorando. Ele nunca esqueceu o amigo, mas havia se conformado dele ser uma deleitosa lembrança da sua infância. Mudar-se para Madri? O quanto à vida do amigo estava melhor que a sua? Sentimentos ambivalentes o dominavam. Ao mesmo tempo em que estava contente pelo sucesso de Matheus, o invejava por isso.

Família? Com certeza o amigo teve filhos. Otávio queria ter filhos. Porém todas suas parceiras não tinham nenhum interesse na maternidade. Todas também desapareceram ao comprovarem a difícil situação em que ele se encontrava. Aquelas que foram mais persistentes se cansaram do desânimo frequente do rapaz. A situação nunca lhe era oportuna para pensar em constituir família.

Quantas memórias vieram à tona ao se lembrar do velho amigo. As brigas que eles se meteram, as traquinagens que realizaram, os jogos que jogaram juntos. Saudades do longínquo tempo que ficou pra trás. Rememorar as lembranças antigas, e a oportunidade de revê-lo, coloriu seu persente gris. Ele precisava reencontrar seu amigo.

Ao dobrar a carta, Otávio matuta o que diria quando Matheus perguntar sobre sua vida. Aquilo entristece o rapaz. O que falar? Faria do amigo confessorário? Estragaria o dito bom momento dele com seus problemas? O mais sensato seria dissimular e se limitar a dizer que estava tudo bem. A menos que Matheus lhe cobrasse franqueza, caso sua máscara ficasse aparente.

Será que seu velho companheiro ficou careta? As provocações pesadas, a zoeira, entre eles, típico de várias amizades masculinas, deveriam ficar de fora do seu vocabulário nesse reencontro? Concluiu que com certeza não deveria deixá-la de fora. Aquilo era um aspecto importante da amizade deles.

Deixou marcado à visita para o fim de semana. Passaria os dois dias só imaginando o que sairia daquele encontro, com medo da impressão que causaria, principalmente para a esposa do amigo. Já estava esperando receber olhares aquilinos desta. Foi preciso de Matheus certa insistência para convencê-la a aceitar a visita do antigo amigo? Estava quase certo que sim.

Chegado o dia. Uma ansiedade terrível o domina. Pensava em desistir, com medo que todos seus temores se realizassem. Talvez o amigo que ele conhecia ficou só no passado. Otávio adoraria ter uma conversa que se aproximasse das bobagens discutidas quando moleques, e não uma conversa séria sobre o quanto a vida adulta era árdua e corrida, até frustrante. Não. Ele não poderia deixar o amigo ir embora sem dizer adeus e lhe dar um forte abraço.

O bairro nobre que o amigo morava já era uma comprovação da boa fase vivida. Otávio demorou quase uma hora a mais para chegar do que pretendia, devido à demora do transporte público na sua região. A casa de dois andares com dois carros na garagem era exuberante. Aquilo o abalou um pouco. Vestiu o que julgou ser seu melhor traje, mas talvez não fosse o suficiente para atender os novos padrões de Mateus e sua família. Estava cogitando dar no pé, ainda não havia apertado à campainha.

A campainha soa. Não demorou até um homem surgir no corredor. Um físico invejável com braços avantajados devido à academia, ele estava bem diferente de quando ambos eram rapazes magricelas e poderiam brigar de igual para igual. Matheus se surpreende quando abre o portão. Para reconhecer o velho conhecido parece só foi necessário um microssegundo.

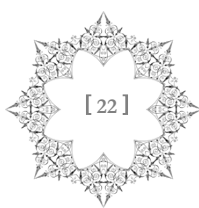
— Você veio — Ambos se entreolham. Otávio ainda não conseguia se sentir confortável ao lado do novo Matheus.

— Claro que sim. Estava com saudade da sua cara feia — A provocação não fazia muito sentido, já que Matheus possuía uma aparência bem melhor do que a do colega agora.

— Vamos entrando. Vai ser ótimo colocar o assunto em dia — Com certeza Matheus tinha muitas histórias para contar, já Otávio, nem tanto, pelo menos não muitas que valeriam a pena. Ele gostaria de saber por onde o amigo andou, mas não gostaria de revelar o quanto estagnado ele esteve todo aquele tempo.

O filho parado no pé da porta da sala, estranha ver o pai abraçado por tanto tempo com aquele estranho. Logo se volta para dentro, assim que os dois começam percorrer o estreito corredor que ligava a garagem com o restante da casa. Ele vai até o quarto da mãe para comentar a estranha cena. A esposa de Matheus se anima ao ser avisada da chegada daquele antigo amigo do marido. Ela estava preparada para receber uma celebridade. Pelo menos foi à expectativa criada graças aos depoimentos do marido sobre aquela figura.

Mãe e filho se dirigem até a sala para recepcionar tão aguardada visita. Só não esperavam serem desnorteados com inacreditável cena. Os dois amigos rindo e se atracando no chão. Matheus encaixou uma chave no braço em Otávio e repetia animosamente “Desiste? Desiste?”. Até que Otávio bate com a palma aberta três vezes no chão. Os dois caem na gargalhada sem perceber a presença da esposa e do filho de Matheus, que ainda estavam atônitos.



CONTOS E POEMAS

Vol. III

TÃO DISTANTE

A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Senhor da noite

Por Alexandre Perobelli

Eu me chamo Alexandre Perobelli Teixeira, tenho 28 anos. Paulistano. Considero-me um tanto nerd. As diversas mídias que consumo me servem de inspiração, são elas: filmes, games, livros e séries. Sou autor de dois livros de poesia publicados pela editora Viseu no ano passado. Ainda sou um escritor principiante, e esses foram meus primeiros livros lançados, respectivamente, "Diário de Carol" e "Vidas Desgraçadas". Tenho paixão pela escrita, e meu desejo seria de viver só disso algum dia.

Naquele aniversário, Ricardo sabia exatamente o que desejaria. Nos seus quase setenta anos, já não se importava mais com aniversários e desejos que nunca se realizavam. Há tempos já havia aprendido que deveria correr atrás dos seus próprios milagres. Era isso que ele faria para realizar seu desejo.

Um questionamento de décadas o incomodava: a conclusão de uma partida de RPG que nunca ocorreu devido desentendimentos entre amigos. A última partida foi postergada por tanto tempo que talvez já houvesse caído no esquecimento de grande parte do grupo. O desejo de Ricardo era concluí-la.

A tarefa tinha chances quase nulas de sucesso. Conseguir reunir todos seus amigos, sem exceção, para concluir uma antiga partida de RPG de fantasia medieval. Todos aqueles velhos como ele teriam algum interesse nisso? Ricardo rememora a juventude, quando a reunião para jogarem uma sessão era compromisso sagrado, e o jogo se tornou quase uma religião para todos eles.

O mais fácil de convencer seria Pê Pê, Paulo Pereira, com quem ele tinha uma melhor relação. Ricardo levantou cedo para se dirigir até a casa do amigo. Pretendia reunir todos para realizarem uma sessão excepcional ainda naquele dia.

— Pê, temos que continuar a partida — O amigo fica sem compreender.

— Do que você está falando?

— Eu tenho uma pedra ígnea — A afirmação deixa o velho estupefato. Há quanto tempo ele não se empolgava com alguma coisa daquele jeito? Não foi necessário mais nenhuma palavra para rememorar o colega da antiga partida abandonada no tempo.

— Isso é um blefe. Não me lembro de nada disso no inventário do seu personagem — Diz Paulo seriamente.

— Quer apostar sua aposentadoria nisso? Você esqueceu-se dos estoques extras que eu tenho graças à classe mago? Posso guardar até três artefatos em outra dimensão. Podemos derrotar o Senhor da Noite.

Pê Pê se empolga como um garoto com aquela notícia.

— Eu adoraria ver isso, Ricardo. Adoraria mesmo. Pena que não voltamos a jogar mais.

— Nós vamos concluir a partida. Eu estou falando sério. Você concorda em ir até a minha casa para fazermos isso? Hoje é meu aniversário, e isso seria um presente e tanto.

— Vou pegar os meus remédios e avisar a Eugênia — Convencer o amigo foi bem mais fácil do que Ricardo esperava. Pelo visto o longo hiato daquela partida dava sinais de acabar.

Quando ambos entram no carro, Ricardo informa que o próximo na lista dele seria o Davi.

— O que vocês dois querem? — Questiona Davi, já esperando uma má notícia. Somente quando convém é que se lembrava dos amigos.

— Ricardo tem uma pedra ígnea no inventário de mago — Diz Pê Pê.

— Vocês estão falando do joguinho que jogávamos? E daí que ele tem uma pedra ígnea. Eu tenho pedras nos rins que não me deixam dormir direito.

— Eu abro mão da Biblioteca Arcana que se você me ajudar a derrotar o Senhor da Noite. Você será o elfo com maior conhecimento entre todos.

— Vocês vieram aqui para falar de um jogo besta que não concluímos? Já estão ficando senis?

— O seu personagem vive sete vezes a mais que o meu. Ele terá tempo de ler aquela biblioteca de cabo a rabo. Eu vou te dar esse presente se você me ajudar, mesmo hoje sendo meu aniversário.

Ricardo sabe que o fisgou quando viu um sorriso no canto da boca do amigo. Davi estava cogitando aceitar a proposta. Quando jovens, ele sempre se gabou de ser o mais esperto do grupo. Com certeza não perderia a oportunidade de ser o personagem mais inteligente do jogo, já que suas conquistas no mundo real não saíram como esperado.

— Você tem mesmo uma pedra ígnea?

— E uma poderosa magia de fogo que combinada com seu feitiço de óleo, que você achava inútil, destruiremos o Senhor da Noite.

Ricardo dirigia o carro. Pê Pê estava no banco do passageiro. Davi estava no banco traseiro. Só faltava mais um agora. Se Ricardo não conseguir convencer Joel, todo seu esforço terá sido em vão. O jogo era seu grande pretexto para conseguir acertar as coisas com seu melhor amigo. Joel era a peça mais importante ali. O criador do terrível Senhor da Noite que tanto assombrava Ricardo.

— O que todos vocês estão fazendo aqui? — Pergunta Joel.

— Hoje é aniversário do Ricardo — Diz Davi.

— Você vai dar uma festa por acaso? Aí se lembrou da gente? — Joel confronta Ricardo.

— Eu não vou mais está por perto, sabe. Vou morar com meu filho. E uma coisa que eu sempre quis fazer é concluir aquela partida e derrotar o Senhor da Noite.

— Aquela partida que eu terminei com um olho roxo? É impossível de derrotá-lo. Eu coloquei vocês três para enfrentar um oponente lendário, pois sabia que vocês não teriam nenhuma chance. Foi o meu jeito de me vingar de vocês três por terem me traído.

— Eu já tentei te pedir desculpas várias vezes. Não é possível que ainda esteja amargurado com aquilo? Desculpe por ter ficado com a Helena mesmo sabendo que você gostava dela. Mas isso é passado. Você ainda está idealizando que teria um relacionamento perfeito com ela porque vocês tinham tanto em comum.

— Pois é, Ricardo. Nunca saberemos, pois você me tirou isso. Como também nunca saberemos se vocês teriam alguma chance contra o meu Senhor da Noite.

— Ricardo acha que temos. E se nós estamos aqui é porque concordamos — Diz Davi.

— Mais que palhaçada é essa? Vocês vieram me importunar por conta de uma partida de RPG de décadas atrás? Caíam na real. O que ele ofereceu a vocês para estarem aqui?

— A Biblioteca Arcana e todos os conhecimentos proibidos — Confessa Davi.

— A chance de jogar com vocês de novo — Fala Paulo.

— Vocês levaram isso a sério? E daí que é seu aniversário? Vocês três são patéticos em virem até aqui me pedirem isso. Pra que querer reviver o passado agora? Não estão felizes com a aposentadoria?

— Eu me senti tão culpado que terminei com Helena alguns dias depois. Eu já te contei isso várias vezes. Ninguém mais se importa com isso além de você. Ela nem deve se lembrar de quem somos.

— Você quer uma conclusão disso, Ricardo? Pois bem, vocês todos vieram aqui para perder. O Senhor da Noite vai trucidar vocês. Sentem-se. Será um prazer te presentear com uma amarga derrota.

Todos se sentam a mesa aguardando Joel tomar à iniciativa e continuar a tão aguardada partida. Joel retira uma folha amarelada de uma gaveta e a coloca na mesa junto de um dado de seis lados.

— Aqui está à ficha do Senhor da Noite. Cadê a de vocês? — Joel dá uma risada com malevolência — Como vamos continuar essa partida se vocês não tem a ficha dos seus personagens, não é? Sendo assim, eu declaro o Senhor da Noite o vencedor.

Paulo e Davi ficam estupefatos. Como não pensaram naquilo? Desde o começo a partida era inviável. Até que Ricardo coloca a mão no bolso interno do seu paletó e joga na mesa papéis antigos.

— Aqui está, Joel. Podemos continuar? — Os olhos de Paulo e Davi brilham de alegria, enquanto que os de Joel eram puro ódio.

— Se não me falha a memória era o turno do Davi. O que seu inútil elfo faz, Davi?

— Eu uso a magia Óleo Negro no Senhor da Noite — Davi entreolha para Ricardo, confiante no plano do amigo.

— Está bem, você molhou o Senhor da Noite de óleo. Agora é sua vez Ricardo. Você fará seu turno, e depois o Senhor da Noite acabará com a partida.

— Você se lembra da pedra ígnea que eu encontrei? Eu a conjuro de outra dimensão. Agora eu uso a magia Tempestade Flamejante que aprendi no livro de magias elementais da Biblioteca Arcana. Minha magia de fogo é aumentada graças à pedra ígnea.

— Você esquece que ela será destruída no processo, Ricardo. Você não terá chance para um segundo golpe.

— Vamos rolar o dado, para ver. Quem sabe um golpe não seja mais que suficiente — Diz Ricardo, confiante.

Os três amigos aguardam ansiosos a rolagem. Joel, que estava tão confiante, teme após comprovar a possibilidade de sua magnífica criatura ser derrotada. O dado pesa em sua mão. Joel olha os rostos apreensivos dos amigos ao fitá-los um a um. A sorte é lançada.

— “3”. O poder da Tempestade Flamejante é multiplicado por três. O Senhor da Noite sofre mais dano de fogo por estar banhado em óleo. Droga!

Joel faz todos os cálculos rapidamente e comprova sua vitória. Eles não conseguiram tirar isso dele. O Senhor da Noite se perpetua como a barreira intransponível entre Joel e seus amigos. Seu eterno vingador e manifestação do seu ressentimento. Os cálculos são refeitos de novo e de novo até não houver mais dúvidas. Mas eles chegaram bem perto de derrotá-lo.

— Não! — Um grande grito soou uníssono com a comoção do resultado.

Ricardo, cabisbaixo, estava perplexo com o resultado. O plano guardado por tantos anos não deu certo.

— É a sua vez, Senhor da Noite — Fala Ricardo com uma voz fraca, quase como sussurrante.

Joel olha para seus antigos colegas ali reunidos. Rememora os jovens apaixonados por aquele jogo que tanta diversão já os havia proporcionado. Aquilo o comoveu. Quantas vezes ele não havia se divertido vendo as testas franzidas e veias sobressaltadas após planos falhos dos colegas. Há quanto tempo ele não se divertia com aquilo.

— O Senhor da Noite, mortalmente ferido, deixa o campo de batalha para recuperar suas forças.

Todos entreolham Joel sem compreender porque ele quis ser tão misericordioso.

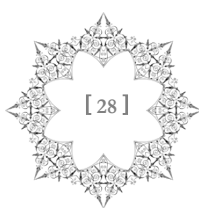
— Então, acabou — Ricardo é o primeiro a se levantar, depois Paulo e Davi o acompanham.

— Aonde vocês pensam que vão? O Senhor da Noite ainda prevalece. Só vocês podem salvar o mundo da influência dele. A menos que queiram desistir.

Todos se entreolham e semblantes sorridentes aparecem entre todos. Joel revê rostos jovens de seus amigos. Há décadas ele não se divertia tanto.

— A Biblioteca Arcana agora é minha — Davi relembra Ricardo.

O presente de aniversário havia sido dado. Todos eles reunidos ali jogando novamente era um sonho. Ricardo só se frustrou por não ter vencido o Senhor da Noite. Não sabia se algum dia conseguiria, mas pelo menos, após décadas, Joel lhe deu a oportunidade de tentar.



CONTOS E POEMAS

Vol. III

TÃO DISTANTE

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Destinos Desconectos

Por Andréia Zanette

É formada pelo curso de Ciência da computação pela PUCPR. Em 2016, concluiu a especialização em docência universitária enfatizando a importância da Tecnologia Assistiva e aplicativos na área da saúde para alunos especiais. Foi capacitada no curso "Escrevendo Conteúdo para EaD" com carga horária de 10 horas sendo credenciada como conteudista da Fabricao. Participação em capítulo de livro "DIÁLOGOS CONTEMPORÂNEOS ENTRE FILOSOFIA E EDUCAÇÃO" com o título INCLUSÃO DIGITAL DE ALUNOS ESPECIAIS NO ENSINO SUPERIOR. Aprovada no teste de suficiência em inglês pucpr 2017 para tradução, leitura e interpretação de texto. Atualmente curso letras/italiano na UNIOESTE - Universidade do Oeste do Paraná.

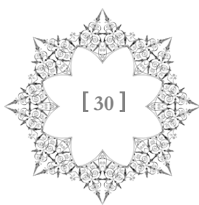
Minha família veio de terras distantes Alguns continuaram lá
Os que saíram construíram destinos longe de lá Em uma terra distante
Que tinha nome
Nome dos antepassados distantes Essa terra se chamava Zanette Ficava em Treviso
Uma pequena comuna em um lugar distante

Os antepassados que lá continuaram
Sobreviveram a guerra, frio, fome e tantas outras dificuldades O passado em Treviso ficou
marcado por um tempo triste Tempo marcado com sangue
Mas com muita esperança e fé permaneceram Resistência sempre era a palavra que
usavam

O passado ficou no passado
No presente trocaram a dor pela esperança Esperança de dias melhores
Esperança de dias de paz
Esperança de não desistir da terra de onde nasceram Da terra onde tiveram suas origens,
suas raízes
Da resistência em permanecer e esperar a guerra passar

Guerra que um dia acabaria
Guerra que não sabiam se existiria um fim
Mas que a paz prevaleceu em todos os momentos Nos pedidos de oração
Nas rezas feitas em família

O medo ficou junto com a paz muitas vezes
Por isso alguns escolheram ir embora a uma terra distante Os que ficaram foram fortes e
resistentes para suportar a dor Dor que não sabiam se ia ter um fim



CONTOS E POEMAS

Vol. III

TÃO DISTANTE

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Não sirvo para ti & Você não serve para mim

Por Barbie DOG

Sophia de Almeida Guimarães, Barbie DOG, é rapper, poeta e escritora. Sua escrita é focada em temas políticos, crime, terror psicológico e sobrenatural, religião, espiritualidade, filosofia, sociologia e sexualidade. Gosta sempre de trazer aspectos pessoais para as suas obras, sabedoria de vida, relatos, opiniões, e exemplos do cotidiano. Tem diploma em Nutrição com Pós - Graduação em Psiconutrição - O Comportamento Alimentar, utilizando-se, muitas das vezes, de conhecimento científico para enriquecer suas obras. Seu objetivo é sempre transmitir seus ideais e passar mensagens profundas por trás de seus escritos.

Dizem que o feminismo estragou o amor...

Ou será a culpa do machismo?

Desigualdade me traz dor.

Tenho que me matar para ser amada?

Me fingir de objeto,

E então ser respeitada?

Tenho que fingir inocência?

Me infantilizar, ser submissa...

Cadê a coerência?

Com o tempo, parei de gostar...

Parei de querer,

Parei de amar.

Não sirvo para ti, aceito.

Não quero mais amor,

Quero respeito.

Não sou criança, não sou santa, não sou dama...

Sou uma mulher adulta,

Daquelas que odeia & ama.

Não sirvo para ti, aceito.

Não quero mais amor,

Quero respeito.

Não sirvo para ti, aceito.

E você não serve para mim.

Prefiro estar só do que mal acompanha,

Digo, no fim.



CONTOS E POEMAS

Vol. III

TÃO DISTANTE

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Cadê o abraço?

Por Djalma Ribeiro Junior

Nasceu em Piracicaba, no interior de São Paulo; partiu com 19 anos para estudar cinema; estudou; fez amizades, encontrou o amor, teve filhos, plantou árvores, trabalha há duas décadas em uma universidade pública nas áreas de arte, cultura, ações afirmativas e permanência estudantil, observa as aves e aprende muito com elas, tenta registrar a beleza das aves em fotografias, sonha com um mundo que seja cada vez mais justo e com equidade, seu lema é: sigamos!

Em outros chãos
Cresceu meu povo
Com tantas mãos
Refazendo o novo
São tantos irmãos
A sofrerem de novo
Sem chão, são órfãos
Sem raiz, eu me comovo

Engole o choro
Partido o laço
Um desaforo
Povo bagaço
Moído o couro
Cadê o abraço?

Onde eram vidas
Agora é morte
Sem despedidas
Eis o transporte
Sem querer idas
Este recorte
Minhas queridas?
Não, ricas do norte

Engole o choro
Partido o laço
Um desaforo
Povo bagaço
Moído o couro
Cadê o abraço?

Sem sol, tudo escuro
Cadê as crianças?
Só sinto o furo
E as alianças?
O peito, duro
A lágrima, cansa
E o nosso futuro?
As esperanças?

Engole o choro
Partido o laço
Um desaforo
Povo bagaço
Moído o couro
Cadê o abraço?

Vinca, manjerioba
Goiaba, gloriosa
Quiabo, gabirola
Tulipeira, minirrosas
Sem perfume, me aboba
Corte fundo, sem babosa
É o choro da caçaroba
A picada venenosa

Engole o choro
Partido o laço
Um desaforo
Povo bagaço
Moído o couro
Cadê o abraço?

Carregamento descarregado

Já sem dor, me caem os dentes
Um novo chão, o mesmo arado
Em qual, dos quais continentes?
Caminho todo ensanguentado
Sem norte, sul, sem trás, só frentes
Um a um encaixotado
Embrulham e amarram gentes

Engole o choro
Partido o laço
Um desaforo
Povo bagaço
Moído o couro
Cadê o abraço?

Fincar no chão a raíz
Assim vazio, solitário
Não ouço mais os caxixis
Me pesa no peito este escapulário
Difícil é erguer o nariz
Sonhar em um mundo autoritário
Tambores, berimbau, ser feliz
Erguer um mundo solidário

Ainda há choro
Remendo o laço
E um só coro
Povo de aço
Refeito o couro
Me dê um abraço

Na linha do horizonte
Cansaço, dor, sofrimento

Os amanhãs que se fazem ontem
O inferno e o firmamento
Me dá sua mão, uma ponte
Agarre forte o pensamento
Antes mesmo que o sol desponte
Nem que seja contra o vento

Ainda há choro
Remendo o laço
E um só coro
Povo de aço
Refeito o couro
Me dê um abraço

E através dos oceanos
Lhes encontrar é minha ânsia
Amanhã, ontem, daqui uns anos
Eis de acabar com esta distância
O cheiro do mato, dos panos
Me encontrar nesta fragrância
Desta crueldade, o insano
Brotar o amor dessa hiância

Ainda há choro
Remendo o laço
E um só coro
Povo de aço
Refeito o couro
Me dê um abraço

Cadê o abraço?
Me dê um abraço



CONTOS E POEMAS

Vol. III

TÃO DISTANTE

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Longe do ideal

Por D'Rutty

D'Rutty é o pseudônimo de uma autora brasileira que transforma sentimentos em poesia. Escreve com foco na saudade, no tempo e nas camadas invisíveis da existência. Suas palavras buscam tocar o íntimo de quem lê, como quem acende luz em silêncio. Participa de concursos e projetos literários, e atualmente desenvolve seu primeiro livro: *Notas Perdidas no Tempo – Entre Mim e as Estrelas*. Seus poemas transitam entre o lirismo, a melancolia e a esperança, como cartas enviadas ao universo.

Hoje me olho no espelho quebrado,
Vejo fragmentos do que foi deixado.
A sala tão grande... mas fria, calada,
Sem vozes, sem risos, sem alma abraçada.

Os quadros na parede gritam memórias,
De jantares perdidos, promessas e histórias.
Corri atrás de tudo, sem ver o final,
E agora percebo: estou longe do ideal.

Constrói-se um castelo de ouro e de vidro,
Mas vive-se dentro com o peito partido.
O carro dos sonhos na garagem reluz,
Mas a alma lá dentro já não traduz.

Compramos relógios pra contar a hora,
Mas perdemos os instantes que o tempo devora.
A casa dos sonhos, com vista pro mar,
E ninguém pra chegar, ninguém pra abraçar.

Ontem já acabou... amanhã não chegou...
E hoje ninguém sabe, ninguém escutou.
Vivemos correndo, tão ocupados,
Com o mundo na mão, mas os olhos fechados.

Temos tudo o que um dia sonhamos,
Mas não damos valor aos que sempre amamos.
Ignoramos o riso dos nossos filhos,
A ternura enrugada dos nossos avós tranquilos.

Passa batido o olhar dos irmãos,
O abraço sincero que cabe em duas mãos.
Esquecemos os pais, calamos os amigos,

Trocamos presença por abrigos frios.

O ideal não é teto nem trono dourado,
É estar com quem faz o mundo abençoado.
É rir sem motivo, é ver o pôr do sol,
É dividir silêncio sem tocar o lençol.

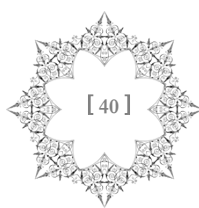
E agora entendo o que nunca entendi,
O tempo que foge não volta pra mim.
Mas ainda respiro, ainda posso tentar,
Reconstruir o que o tempo quis apagar.

Se perdi primaveras, colho o que sobrou,
E agradeço por tudo que ainda restou.
Pois mesmo tardio, meu peito desperta,
Pra viver o agora, de alma aberta.

A vida voa, não espera ninguém,
E o tempo perdido não volta também.
Não adianta ter tudo e não ter com quem,
Se o coração se deita sempre em desdém.

O ideal, meu bem, não é o luxo comprado,
É o instante pequeno vivido ao seu lado.
É lembrar que os momentos, como areia na mão,
Escorrem depressa sem pedir permissão.

Então, feche a planilha, desligue o sinal,
Sente ao lado de quem te ama de igual.
Pois todo castelo desaba no final,
E só o amor nos mantém... perto do ideal.



CONTOS E POEMAS

Vol. III

TÃO DISTANTE

A P R E S E N T A M O S O C O N T O

A morte do Castelinho

Por Elzita Ferreira Vidal

Nascida sob o sol baiano de Itabuna, é uma amante dos animais e pratica esportes radicais, buscando adrenalina e desafios constantes. Sua combinação de habilidades técnica e espírito aventureiro a torna uma pessoa única e inspiradora. Equilibra trabalho e lazer de forma saudável, sempre ativa e pronta para novos desafios.

Ainda Choramos a trágica morte do Castelinho (Nascimento 1919 + Morte 1989)

Uma edificação imponente, esguia e com uma enorme escadaria, portas de madeira esculpida e toneladas de história.

Subíamos no escuro as suas intermináveis escadarias para explorar os mistérios da noite. Suas luzes eram mais bonitas que as luzes das estrelas e nos iluminava para enganar o medo de sermos pego pelos moradores em admiração a comovente beleza e a sua eternidade.

A mansão do Comendador José Firmino Alves tinha duas sereias acima do corrimão que vigiavam a subida da escada. De longe, o piso de ipê amarelo e baraúna enfeitavam a sala. Na cozinha o fogão de lenha deixava acesa a chama da beleza dos cristais e louças inglesas que se escondiam nas cristaleiras com pés torneados e portas esculpidas.

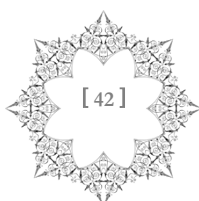
Os Vitrais franceses nas janelas nos olhavam mostrando o valor histórico e arquitetônico da edificação. No andar de cima Cinco quartos com dez camas de potumujú, jacarandá e baraúna deliciava os moradores e hóspedes com a vista para o quintal com pés de cereja e área para cavalariaço.

Hoje ele é apenas uma lembrança em nossa memória. Em seu lugar foi erguida uma caixa de concreto sem história.

Mas o castelinho teima em existir: em imagens em nossa memória, nos meus olhos e no meu coração.

Pouso os meus olhos no passado e imobilizo-me, por causa da falta que ele faz na minha paisagem.

Fico na ponta dos pés onde avisto a cidade com a minha saudade que agora te sorri e ainda engasgada e com rosas brancas na mão te saúdo em contemplação a sua **inesquecível eternidade.**



CONTOS E POEMAS

Vol. III

TÃO DISTANTE

A P R E S E N T A M O S O C O N T O

**O amor que separa é
o mesmo que une**

Por Fabio B.

Escreve sobre emoções, separações, diálogos inacabados e comunicações ruidosas: elas são o canal para entender essa vida onde todos têm pressa, pouca paciência, carência e pós modernidade demais para valores pseudo corrompidos.

Eu nunca entendi o nosso término. Éramos tão unidos e de repente nos desunimos. Dói-me olhar as fotos dos encontros, saídas, almoços, jantares, festas e comemorações que estivemos juntos. O que aconteceu para que o final fosse assim? Foi realmente minha culpa? Ao fazer essa pergunta em voz alta, para um corredor de igreja que ainda está vazio, percebo que sim. Foi uma pergunta retórica a fim de atenuar a culpa que sinto pelo nosso afastamento.

Saio e fico parado à porta da igreja, prestes a casar. Percebo que quase todos meus amigos não estão aqui. O meu lado é o mais vazio, enquanto minha futura esposa precisou elaborar mais convites. Os que vieram nos prestigiar hoje são aqueles que vieram após vocês. Todos vieram após nosso término e distanciamento.

Onde estão vocês, meus amigos? 2011 hoje parece tão longe, mas tão perto ao mesmo tempo. O nosso último encontro — e celebração — foi tão traumático que hoje nenhum de vocês está aqui. Sim, foi por minha culpa, eu sei. Mas a ideia de que todos estão sentados esperando o meu matrimônio é o que me move nesse momento. Nos bancos, deixei o nome de cada um marcado em amarelo, numa tonalidade vívida, tal como éramos antigamente.

Eu não fui convidado para os casamentos, nascimentos de filhos, batismos, separações e reencontros. Não poderia olhar para vocês, amigos, sem me sentir culpado. O perdão e análise pessoal são processos complicados e lentos, pois eles dificilmente andam de mãos dadas.

Hoje, a duras penas, eu entendi que preciso seguir em frente sem vocês, mas não há um dia em que não repasse o fatídico dia em minha mente.

Carolina, Renata, Maria Fernanda, Gabriela, Fernando, Anderson, Ovídio, Amanda, Juliana, Bárbara, Maria Regina e familiares envolvidos nesse dia: perdão. Carregá-los-ei em meu coração, lembranças e fotos, eternamente.

Depois de muito procurá-los em outras pessoas, resolvi aprender a viver com o vazio da perda e passar a me aceitar, imperfeito. Por isso, é hora de seguir em frente.

Decidi me perdoar e seguir em frente enquanto visualizava as fotos dos seus casamentos, amigos. Pensava mil vezes em como faria para chamá-los e tentar colocar todos os assuntos desses anos em dia. Mas, a realidade é mais cruel que a fantasia: após mais de uma década sem contato, não faria sentido aparecer na porta de cada um com um convite, e esperando que me recebessem como se não tivesse ocorrido nada de relevante

para a nossa separação. O “não” dói menos que a rejeição e a fantasia faz mais sentido nesse caso, pois nela todos estávamos juntos e continuávamos felizes.

Por isso, abri-me para a vida. E, quando encontrei Taís, não precisei de máscaras ou histórias mirabolantes para me apresentar. Ambos eram pássaros feridos de seus antigos relacionamentos e círculos de amigos, por isso a conexão foi rápida e fácil. Honesta pela dor.

Tivemos um relacionamento rápido e intenso que culminou em um bebê, a Mariá. Éramos maduros e sabíamos o que queríamos. Foi reconfortante perceber que agora era maduro após tantas perdas e dureza no crescimento. Por vezes pensei em ligar para cada um de vocês e contar sobre o que havia feito, o que havia conquistado e dividir a alegria presente em cada conquista. Mas a cada vontade, percebia que não tínhamos contato e isso aumentava a distância entre nós.

Mariá nasceu saudável e eu, novamente, quis escrever e enviar fotos para todos vocês. Mas, percebi que era hora de seguir em frente. Eu já era pai e precisava cuidar de minha filha, não a afogar em minhas lamúrias e mágoas. Fiz – e faço- o meu melhor e tento ensiná-la a preciosidade de ter pessoas por perto e não ser uma pessoa difícil.

Continuo a lembrar de vocês enquanto Taís não chega com sua irmã e minha filha. E ao fazer isso, percebo que o excesso de amor nos separou. Foi um amor tão intenso, jovem, pueril e sem maldade, que nos separou ao primeiro sinal de exagero.

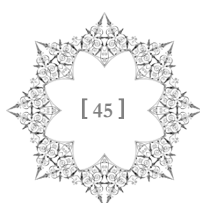
Sempre os amarei, amigos. Vocês estão em meus dias, noites e lembranças.

Contudo, após a celebração é hora de fechar essa porta. O amor e a distância permanecem intactos.

Após a chegada de Taís e Mariá, a cerimônia tem início e os presentes estranham os bancos vazios marcados com nomes que não virão. Não ligo para a opinião alheia, sei o que fiz e por quê. O padre conduz a celebração e na hora do “sim” olho uma última vez para trás, rumo aos bancos e como um simbolismo de fechar a porta, falo o sim para tudo: para o fim de algo e início de uma nova vida.

Que minha nova forma de amar seja suficiente para construir coisas novas e, também, alimentar as memórias do que passou.

Adeus, amigos.



CONTOS E POEMAS

Vol. III

TÃO DISTANTE

A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Velhos Amigos

Por Jullyana Jacquiminut

Jullyana Jacquiminut, é manauara e filha do meio de uma família simples. Por muito tempo pensou em ser advogada, mas foi na Comunicação que encontrou sua voz. Jornalista, já atuou na TV pública da Câmara Municipal e hoje é assessora na Assembleia Legislativa do Amazonas. Descobriu na crônica um espaço de escrita íntima, onde exercita um olhar sensível sobre o cotidiano. Ainda se considera amadora, mas escreve com afeto e verdade.

Na última semana, em um daqueles dias em que o calor parece atravessar a pele e esquentar o juízo, o relógio marcava exatamente 13h04 quando nos sentamos na varanda. O sol forte castigava o quintal de cimento, e as sombras projetadas pelas nuvens, batiam nas paredes da casa. Éramos três, como sempre: eu, Ana e Rafael. Velhos amigos, daqueles que se conhecem até demais.

O assunto surgiu de maneira inesperada, como costumam surgir os temas que mais mexem com a gente. Falávamos sobre as chamadas “linguagens do amor”. Sim, aquelas formas de demonstrar carinho e afeto que andaram ganhando popularidade em livros e redes sociais: palavras de afirmação, tempo de qualidade, atos de serviço, toque físico e presentes. Rafael brincou com a ideia, como se amor fosse algo assim, fácil de classificar. Já Ana parecia intrigada.

— E se eu não souber qual é a minha? — perguntou ela.

Fiquei em silêncio. Talvez por medo de responder com pressa. Ou por perceber que eu mesma nunca havia pensado nisso com seriedade. Sempre me considerei uma pessoa crítica, inclusive de mim mesma. Tão crítica que me tachava de egoísta. Uma daquelas pessoas que, por mais que se esforcem para melhorar, acabam sempre colocando os próprios interesses em primeiro lugar. Dar algo melhor para o outro do que para si mesma? Impossível. Ou era o que eu achava.

Mas ali, entre uma conversa leve e outra mais profunda, descobri a minha linguagem do amor. Irônico, até. Porque aquilo que por tanto tempo julguei ser meu defeito, era, na verdade, o que mais me fazia amar: presentear. Não com coisas caras, nem com grandes gestos. Mas com o pouco que eu tinha e que escolhia dividir. Um doce, uma lembrança, uma palavra, ou até pagar por algo que alguém nunca pôde ter ou fazer. Era isso. Descobri minha forma de amar.

Os velhos amigos não facilitaram o caminho até essa descoberta. Rafael, sempre rígido demais para assuntos do coração, dizia que “tempo de qualidade” era coisa de quem não apreciava a própria companhia. Ana, por sua vez, parecia ter dúvidas profundas sobre o que realmente significava amar. Seus olhos denunciavam uma história mais difícil, daquelas que a gente carrega desde a infância.

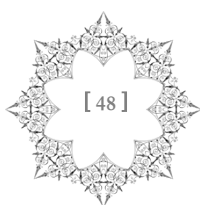
Foi então que percebi, quase sem intenção, algo revelador. Apesar de adultos, com suas teimosias e certezas, Rafael e Ana tinham corações de criança. Corações que, de alguma forma, não foram totalmente cuidados. Ele, o menino que jamais recebeu um olhar atento. Ela, a menina que cresceu sem colo, sem cafuné, sem escuta. Ainda assim, ali estavam os dois, firmes, rindo das próprias defesas sem saber.

Tive coragem, pela primeira vez, de compartilhar algo que ouvi quando era pequena:

— Apesar do amor ser sofredor, ele ainda é benigno. Não maltrata, e não se ira facilmente...

Eles riram, um pouco sem graça, como quem reconhece a verdade mas não quer admitir. A conversa seguiu por mais três horas. Entre histórias antigas, reflexões novas e silêncios confortáveis, permanecemos juntos. Porque há vínculos que não se explicam.

A verdade é que Ana e Rafael não são apenas meus velhos amigos. Sempre foram mais do que isso. Eles são os meus pais.



CONTOS E POEMAS

Vol. III

TÃO DISTANTE

A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Entre o que somos e o que tocamos

Por Neyreid Ribeiro Maltauro

Neyreid Maltauro, natural de Itanhandu - MG, professora de História, com especializações em cinco áreas da educação. É autora apaixonada por palavras que resgatam memórias e sentimentos. Acredita na literatura como ponte entre tempos, pessoas e mundos.

Há um espaço entre mim e o outro
que não cabe em mapas,
nem em réguas.

Entre dois corpos,
às vezes mora o mundo.
Outras vezes, uma vírgula,
e mesmo assim não nos lemos.

A distância, dizem, é reta.
Mas há retas que cortam
mais do que unem.
Na matemática da vida,
há equações que o afeto não resolve.

No compasso da música,
a ausência entre as notas
é o que desenha a canção.
O intervalo pulsa —
vazio fértil onde a alma respira.

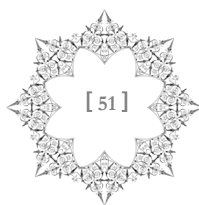
Há distâncias que o som percorre,
mas o gesto não.
Há proximidades de pele,
mas não de alma.

Entre mim e ti,
o que nos separa não é o chão,
nem o tempo,
nem as esquinas do mundo —
mas a medida exata do não dito.

E quando o coração recua,
como uma estrela que cansa de brilhar,
surge a distância social:
não aquela das ruas,
mas a dos silêncios que erguemos
como muros invisíveis
entre um olhar e outro.

Talvez a verdadeira distância
não seja física, nem lógica,
nem sequer melódica.

Talvez seja só
o eco daquilo que não tocamos em nós mesmos —
e por isso,
não tocamos no outro.



CONTOS E POEMAS

Vol. III

TÃO DISTANTE

A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Nadine e as Fendas do Tempo

Por Paula Caleffi

Paula Caleffi é doutora em história, desenvolveu pesquisas sobre populações indígenas, liderança e alteridade, tendo publicado vários artigos acadêmicos nestes temas.

Assumiu posições executivas na área de educação. Posteriormente dedicou-se à restauração de obras de arte com vários cursos e trabalhos concluídos.

Leitora apaixonada, nos últimos anos dedicou-se ao estudo e exercício da escrita, com cursos e oficinas já concluídas, segue buscando aperfeiçoamento na área da literatura.

Domingo ensolarado em Madri, tarde de inverno perfeita para um passeio no Parque do Retiro. Nadine após um longo almoço composto por uma forte comida madrilena e regado a vinho tinto, parte para seu passeio, aquela caminhada tranquila, lenta e meio preguiçosa. Ao entrar no Parque do Retiro avista as inúmeras famílias que também pensaram em aproveitar o sol de inverno, crianças, pais, avós tios, e jovens, muitos jovens reunidos em pontos específicos do parque, não exatamente misturados as famílias, todavia buscando seus grupos de afinidade. Espetáculo lindo, colorido e diversificado.

Nadine integra-se a este cenário, porém seus pensamentos estão longe. Havia economizado muito para estar ali com um propósito bem definido, conhecer melhor as origens e o que motivou seus pais a migrarem para o Equador. Conhecia a versão oficial da migração familiar; seus pais se opuseram ao governo de Francisco de Franco e foram perseguidos, tiveram que sair do país, pois seriam presos. A tia Amparo viajou com eles, também estava envolvida nas atividades na época, chamadas subversivas. Depois de se instalarem no Equador mandaram buscar a abuela e o outro irmão da sua mãe, Javier, que ficara para cuidar da abuela. Nadine e o irmão Chema nasceram no Equador, quando a família já estava reunida novamente e gozava de um cotidiano bastante tranquilo, em Loja, a cidade por eles escolhida.

Nadine tivera uma infância feliz de criança de cidade do interior cercada pela sua família até a morte prematura de seus pais, mas neste tempo já era uma moça quase adulta. Todavia precisava descobrir por que sentia este vazio dentro de si, esta sensação de melancolia e insatisfação com a sua vida a qual racionalmente considerava muito satisfatória. Até o momento Madrid não havia ajudado em nada.

Decidiu parar de pensar em si e aproveitar a viagem, observar as pessoas, sentir toda aquela atmosfera que carregava uma harmonia tênue. Foi quando avistou uma entre tantas ciganas que nos finais de semana se instalavam no Retiro praticando cartomancia por um valor nem sempre acessível. Nadine não era muito chegada as “ciências de baixa tecnologia”, mas aquela cigana olhava diretamente nos seus olhos exercendo um magnetismo, resolveu se aproximar, perguntou o valor da consulta e achou adequado, sentou-se.

Nadine esperava ouvir alguma coisa boa sobre o seu futuro, algo que a motivasse fazendo com que aquela melancolia recorrente nunca mais voltasse. A cigana embaralhou

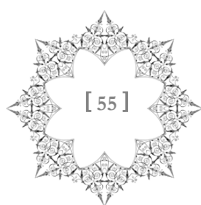
suas cartas cheias de figuras coloridas e mandou que Nadine escolhesse oito cartas, dispôs sobre a mesa e começou a leitura: - Vejo uma mulher jovem, forte, bonita, corajosa. Nadine achou que a cigana falava dela e ficou um pouco lisonjeada. - Esta mulher está apaixonada, uma paixão ardente, e é correspondida. Nadine pensou, apaixonada? Como assim? Ah não... caí no conto da cigana vidente, ela está contando uma estorinha que repete para todos e eu paguei por isso. Mesmo arrependida decide continuar, até porque não conseguiria seu dinheiro de volta.

A voz rouca da cigana seguiu - Essa mulher muito apaixonada e seu companheiro estão passando por enormes dificuldades, eles têm que se esconder, ninguém pode saber sobre segredos que carregam. Não conseguem passar muito tempo juntos, porém quando se encontram é como se o céu se abrisse e o tempo parasse, no entanto logo vem o choro da separação. Essa moça leva segredos proibidos, é uma informante, ela tem muito medo, sabe que as informações que leva são valiosas e podem causar a sua morte. Ela é corajosa, ela tem uma causa na sua vida que a movimenta e a faz suportar tantas dificuldades. Ela tem sempre a sensação de estar sendo seguida, muito medo de ser seguida e descoberta, porém não se detém. A paixão pelo homem também a move. Está tudo escuro, muita fumaça, paredes de tijolos meio caídas, um buraco, uma trincheira, outras mulheres dentro deste buraco também, são todas solidárias, neste momento são irmãs que lutam pela mesma causa. A mulher agora está sozinha, deitada em uma cama, está muito triste, lembra da dor de ter sido ferida e da dor maior de abortar o filho que só ela sabia que carregava. Seu braço tem um ferimento profundo. Medo de nunca mais ver o homem por quem estava apaixonada.

Neste momento a cigana saiu do quase transe e olhou para Nadine, que tinha os olhos molhados. Aquele ferimento, aquela cicatriz no braço da abuela, não era a sua história que a cigana havia contado, mas a história de Maria Anita. Sabia que sua avó e seu avô tinham sido da resistência anarquista durante a Guerra Civil Espanhola mas nunca havia prestado muita atenção a essa história, nunca tinha pensado na abuela como uma jovem apaixonada, capaz de correr riscos enormes. E aquele filho perdido, meu Deus, quanta dor...

A cigana olhou para Nadine e disse: - Nem sempre nossa cura aparecerá no futuro, muitas vezes ela está escondida no nosso passado, você veio em busca do seu passado, faça bom uso dele.

Neste momento Nadine lembrou-se de ter lido sobre as memórias transgeracionais gravadas no inconsciente ou no espírito. Então era isso, ela descendia de uma linhagem de guerreiras, sua avó e sua mãe, tiveram causas pelas quais se arriscaram e viveram, teria paciência para esperar, certamente a causa que a motivaria estava por chegar.



CONTOS E POEMAS

Vol. III

TÃO DISTANTE

A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Uma infância inteira

Por Priscilla Fonseca

Priscilla Fonseca, 39 anos, é nascida e criada na periferia do Rio de Janeiro. Os deslocamentos longos e desgastantes pela cidade tiveram papel fundamental na construção de sua relação com o território e influenciaram diretamente suas escolhas acadêmicas. Hoje, é doutora em Planejamento Urbano e Regional. Quando a vida começou a ficar difícil de digerir, foi na escrita que encontrou alívio — uma forma de não sucumbir ao caos. Acredita no entrelaçamento dos lugares, das emoções e dos corpos. Por isso, escreve como vive: sem medo de transitar entre gêneros, sem pedir licença para atravessar as fronteiras entre o acadêmico e o literário, entre a dor e o amor, os afetos e o prazer, a rua e o papel.

Essa noite sonhei com você. Passava pelo portão encostado, abria a porta e espiava a sala. Fechava de volta, batia e abria de novo. Gritava. A resposta era a de sempre: pode entrar! Você estava no quarto arrumando o neto. Ele ia pra escola. Sua filha estava a caminho do quintal e eu fui atrás dela.

Acordei com meu filho querendo mamar.

Fiquei revivendo o sonho, sentindo aquela sensação familiar de estar com você e os seus.

Você estava ali na minha primeira infância. Seu filho me empurrava na bicicleta até que eu finalmente aprendi a me equilibrar sem rodinha. A gente sentava na calçada embaixo da quase única árvore existente da rua e se refrescava um pouco. Acho que foi nessa mesma árvore que minha mãe uma vez bateu o carro, não? Ou foi no poste do vizinho da esquina?

É estranho ser a única que pode contar essas recordações tão ricas e cheias de aconchego. Era uma família estendida. Algumas vezes pedi pra minha mãe abrir um portão na garagem para sair já dentro da sua casa.

Quando ela precisava resolver coisas, me deixava brincando com você. Eu amava a sua comida.

E, afinal, tinha algum gatinho? Ou cachorro? A casa era de carpete, né? Sim! Um carpete preto.

Você lembra quando a panela de pressão explodiu? O cheiro ficou entranhado na cozinha por meses e meses e o teto marcado pra sempre.

E as fitas do Elymar Santos que minha mãe gravava da TV, você lembra?

As músicas dele me trazem também essa proximidade, como se o próprio Elymar fosse um familiar. O lugar mais distante que minha mãe ia era no antigo Canecão com você. Passo hoje por lá e fico pensando no trajeto gigantesco que vocês faziam pra assistir aos shows. Por muito tempo, creio que foi o único divertimento dela. Única saída sozinha, sem crianças e marido.

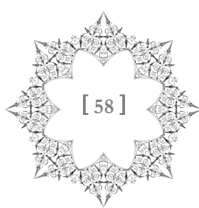
Recordo aquela vez que choveu muito – uma chuva típica de verão – e seu filho me levou na garupa da bicicleta. Ele pedalou por muitas ruas passando em todas as poças. A gente ria alto e se sujava de lama. Voltei com um machucado horroroso na mão.

Era impressionante que, mesmo depois de tantos anos, quando a gente se encontrava, sempre tinha assunto. Uma vez, pegamos o ônibus indo pra cidade e ele já estava fazendo a tão sonhada faculdade. Trocamos histórias e gargalhadas, marcando nossa mudança de crianças/adolescentes para adultos. Sabia que eu ainda choro lembrando dele?

Escrevo para registrar, luto para não esquecer, porque a dor só cresce, por ser a única portadora de memórias da família.

Escrevo na tentativa vã de retornar a esse lugar, talvez o mais feliz da minha vida, o mais completo no meu coração. Não é que o presente não seja incrível. Mas, ali, naquela rua de muros baixos e aventuras infantis, não havia pedaços faltando. Não devia ser perfeito, mas era mágico, como toda infância deveria ser.

Obrigada por existir, obrigada por me lembrar deste lugar tão gostoso e da sensação tão agradável e próxima que foi ser parte de uma vizinhança fabulosa.



CONTOS E POEMAS

Vol. III

TÃO DISTANTE

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Passos sobre passos

Por Sellma Luanny

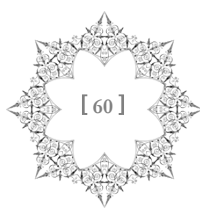
A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Naquelas paragens,
a incomodar os sentidos...
o caminhar por caminhos refeitos...
ou já desfeitos pelos elementos...
A causar um tremor...
quase sobressalto.
Como a ser acusada
de macular o sagrado.

Naquelas extensões,
o suscitar dos ecos
dos passos do passado...
E sentir-se como a trilhar sobre o suor
dos andantes de outrora.
A respirar um ar
que circundou terras
e magoou aflitos.

E após culpada me sentir
e cumprida minuta pena,
transfigurada por prazer,
vem a absolvição
- não por ser especial,
mas pela ausência de testemunhas.
Acredito!

Nas multitudes dos relevos a percorrer,
sobre camadas de apagada memória,
o aflorar de profundas questões,
pela imaginação e desejos,
despertadas.
E o não entender
porque é inevitável sofrer.



CONTOS E POEMAS

Vol. III

TÃO DISTANTE

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Missão a cumprir

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Da minha infância, lembro-me:

"honra" tinha peso de ouro...

"moral"... um dever social...

"palavra"... garantia de reciprocidade...

"respeito"... sempre certeza!

"confiança"... normalidade...

Preconceitos eram controlados
ou abafados...

Paz... a vivência de cada dia.

E no quente do momento,

"bullies" a criançada resolvia.

Sem consequências,

tudo se acalmava.

A sequência de tudo

a fluir devagar... serenamente.

O futuro podia ser sonhado...

No caminho a trilhar

veras amizades...

Agora, em incertos tempos

nem o minuto a seguir é claro.

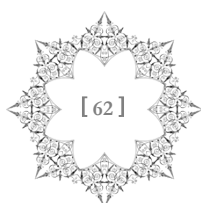
O amanhã é cerração...

A navegar na impermanência,

chegar ao fim da jornada

sem culpas nem desculpas

será a missão.



CONTOS E POEMAS

Vol. III

TÃO DISTANTE

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Erro e correção

Por Sellma Luanny

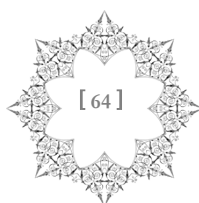
A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Nem filósofos,
nem educadores.
Religiosos ou gurus
muito menos...
Não há concordância
verbal nem mental...
muito menos, geral.

Pontos mínimos
algures deduzidos
ou estimulados...
a tentarem conter a vaga
rumo ao caos.

Antes de à falsidade
se perverter...
erro, admitido
e a tempo corrigido...

Talvez...
talvez...
talvez.



CONTOS E POEMAS

Vol. III

TÃO DISTANTE

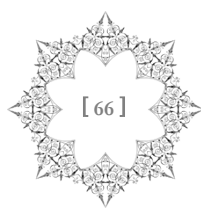
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Contar nos dedos

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Como brincadeira de criança
começava... e funcionava...
na escola, uma necessidade
- sem a professora notar!
Contar nos dedos
e a memória puxar.
Era só a mente aos dedos, se ligar...
até "dez"! Depois repetir... e repetir...
e repetir... adicionar ou tirar.
E para o "zero" se representar
as pontas dos dois primeiros dedos
num círculo unidas. E pronto!
Cada dedo uma conquista...
Cada dedo uma imensidão!



CONTOS E POEMAS

Vol. III

TÃO DISTANTE

A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Nas mãos da sorte

Por Sillas Cezar

Sillas de Souza Cezar é economista e professor, com doutorado em Educação pela Unicamp.

No passado, minha família foi grande e vigilante. Entre nós, privacidade era um exercício de abstração. Na casa de dois quartos, sala e cozinha moravam seis pessoas durante a noite, oito durante o dia, nove ou dez durante o almoço e onze bocas no jantar. Primos, tios, tias, avó, avô, mãe, irmã, eu e, de vez em quando, uma ou duas visitas.

O banheiro era único, com o agravante que era externo ainda que isso pudesse ser facilmente remediado com poucos tijolos e alguma boa vontade. Sua porta começava a mais ou menos 15 centímetros do chão, e não era necessário muito esforço para ouvir ou ver as coisas que se faziam lá dentro. Se bem que esse vão era completamente desnecessário para o propósito da “espição”, posto um buraco no vitrô, do tamanho de uma maçã, que permaneceu intacto por pelo menos uma década, onde se via com nitidez quaisquer movimentos internos. Não que houvesse interesse deliberado na vigilância. Mas o desnível da casa concedia a oportunidade a qualquer um que tivesse que, por exemplo, pegar ou pôr uma roupa no varal.

Em casa de crentes não há altares. Mas se não faltam pecados, sobram penitências e o medo delas torna a virtude do celibato uma chantagem. Condenável era até mesmo as frugalidades auto infligidas. Eu dividia o quarto com três pessoas. As noites eram imaginativas, mas inertes. Às vezes sonhava com o banheiro, mas de olhos abertos, a solução era outra. A parte mais difícil desses pecados nem era os dois ou três minutos de agito, mas sim o desafio de encontrar e ocultar algum material de apoio. Não é crime roubar dos pecadores seus objetos de perdição, e no mato, o orvalho e a chuva não escolhem o que molhar. As gavetas da casa abrigavam de tudo, portanto permaneciam abertas, o que é inapropriado para esconder os vícios. Os armários eram compartilhados e nos buracos da parede já moravam insetos.

Mais ou menos por esse tempo, eu li que a sorte, por ser mulher, preferia os valentes. E só por essa coragem que eu guardava minhas cúmplices dentro do corpo mais intocável da casa: a coleção do Monteiro Lobato. Livros grandes de capas duras blindados com a ordem patriarcal de que aquela herança não podia ser estragada. Na gramática do meu avô, homem de oficina, estragar queria dizer chegar perto. Aquela estante era o pedaço mais puro da casa. Os menores de idade tinham medo, os maiores tinham desdém. Mesmo assim, minha coragem permitia apenas uma refém por vez e por pouco tempo. Naqueles dias, o esconderijo estava vazio.

Subia eu a íngreme rua da moradia quando, em meu caminho uma colorida e não usada revista exibia, no plástico, mulheres impossíveis na vida real. Todas elas eram fartas e gentis. Dissimulando a tensão recolhi o objeto, e me encaminhei para uma árvore de tronco triplo, pensando ter alguns segundos de contemplação, antes de me preocupar em como salvar aquelas moças com frio. Monteiro Lobato receberia visitas, mas antes eu preciso saber de quem se tratava.

Mas não tive tempo. Antes de qualquer interrogatório, fui flagrado por uma senhora de verruga peluda no nariz que, talvez para dissimular feitiçarias, agia como a espada da santa inquisição. Sem oferecer qualquer chance de defesa, recolheu das minhas mãos o fruto de minha decadência moral. Com os olhos vermelhos e as veias do pescoço saltadas de satisfação me disse: “Sua mãe trabalhando e você fazendo esse tipo de coisa! Você é uma vergonha. Vou contar a todo mundo o que você faz enquanto a gente trabalha. Seu imundo.”

Aquelas palavras me convenceram. Eu queria pedir ajuda a Deus, mas tinha vergonha. Supunha que a frustração dEle pioraria as minhas chances. Me lembro que eu partilhava com meus amigos do medo de estar em franca atividade quando Jesus voltasse. Iríamos para o inferno, certamente. Parecia ser esse o caso. Não havia mais como esconder o pecado, mesmo ele nem tendo acontecido. Para pecar, eu sabia, bastava pensar.

As horas aumentavam tão rápidas quanto a intensidade da minha aflição. Aquele jantar seria um julgamento, com todos os meus parentes estripando a minha vergonha. Eu pensava em pular direto para a punição, pois qualquer uma seria melhor do que o vexame do desapontamento escancarado nos rostos daquelas pessoas com quem eu dividia o teto. Já que eu não podia ser visto mais como um neto, sobrinho ou filho do qual se tem orgulho, assumi que queria a morte, minha ou da minha tia. Se ela morresse, ninguém saberia que eu pecava. Se eu morresse, ninguém ligaria.

Ainda hoje não tenho certeza se a sorte gosta tanto assim dos corajosos, mas aprendi que, ao menos, ela não aprecia a covardia. Não contei, mas a senhora guardiã da castidade alheia trabalhava como burocrata numa universidade pública. Em sua ira purificadora, ao arrancar-me das mãos meu material de apoio, tão ansiosa que estava de provar o meu pecado, não reparou que a jogou no banco traseiro de sua inconfundível

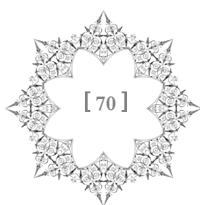
Variant marrom, 1976 (meu ano), amplamente conhecida e reconhecida pelos alunos daquela abençoada instituição.

Quis a sorte — dama a quem eu muito prezo — que o habitual estacionamento daquele veículo coincidissem com o chamado cantinho da fumaça, frequentado por diversos outros adolescentes, um pouco mais velhos do que eu, mas também atentos à feições de moças gentis. Alguns anos depois eu soube que a impressão ruim que eu tinha daquela senhora, era compartilhada por diversos desses alunos. Me disseram que a defesa da moral alheia, apesar de hipertrofiada em sua voz, era flexível em seus gestos, mas isso deve ser fofoca. O que há de fato é que os olhos vermelhos daqueles alunos viram, naquele banco traseiro, o que era meu por direito, mas reputaram ser dela. E daí a conta não fechava...

Confusos pela incoerência, acredito, reportaram imediatamente o caso às mais altas instâncias educacionais do departamento, que, por zelo pudico, convocaram às pressas a transgressora para prestar esclarecimentos sobre o porte daquele instrumento de depravação.

E ela, com uma honestidade incomum, contou a verdade. Disse que estava saindo para o trabalho, como faz todos os dias, quando viu seu sobrinho adolescente que deveria estar na escola, andando na rua, às 8h30 da manhã portando uma revista “no plástico” e que, para preservá-lo do pecado, tomou-a dele e, sem os devidos cuidados, lançou o objeto no banco de trás de seu carro. O que posso garantir é que o tal diretor aplicou uma advertência formal alegando conduta imprópria, e lhe pediu, na frente de um comitê disciplinador, que ela que revisse seus hábitos de leitura. Chegou a sugerir Monteiro Lobato.

Naquela noite o jantar foi estranho. Além do medo e da raiva, havia uma muito contida, mas generalizada, vontade de rir. Meu avô, que era naturalmente quieto, finalizou o assunto contando, em voz baixa e compassada, um episódio de sua adolescência na qual um caboclo teria inventado uma máquina de auto ajuda, mas que morreu por não saber desligá-la. Segurando a colher, o velho olhou para o horizonte e disse que aquilo devia ser a mão de Deus.



CONTOS E POEMAS

Vol. III

TÃO DISTANTE

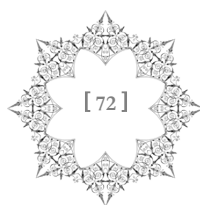
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Seu medo, minha tristeza

Por Thaís Borges

Thaís Borges é natural de Feira de Santana, na Bahia. Psicóloga por formação, encontrou na poesia, desde a infância, uma forma sensível de expressar seus sentimentos. Escrever sobre as próprias emoções despertou nela o desejo de compreender a complexidade do ser humano, motivando sua escolha pela psicologia como profissão. Além disso, Thaís é filha de um poeta, Outran Borges, cujas poesias continuam a lhe oferecer conforto após sua partida.

A tristeza toma conta de mim,
Quando estou longe de você.
Cada segundo é uma tortura
Quando não sinto a doçura
Deste teu olhar!
Queria pedir-te
Mais carinho e atenção,
Pois já que estás no meu coração,
Não podes deixá-lo
magoado
Assim irias também se
machucar...
Nunca sintas medo de amar;
Um amor cercado de temor
Não sobrevive muito tempo,
E deixa marcas sem nunca curar!



CONTOS E POEMAS

Vol. III

TÃO DISTANTE

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O muro

Por Thaís Borges

Thaís Borges é natural de Feira de Santana, na Bahia. Psicóloga por formação, encontrou na poesia, desde a infância, uma forma sensível de expressar seus sentimentos. Escrever sobre as próprias emoções despertou nela o desejo de compreender a complexidade do ser humano, motivando sua escolha pela psicologia como profissão. Além disso, Thaís é filha de um poeta, Outran Borges, cujas poesias continuam a lhe oferecer conforto após sua partida.

Uma saudade eterna
De um sentimento puro.
Entre nós existe um muro,
Quem irá atravessar?
Tenho medo do outro lado...
Mas aqui está tão escuro...
E não vejo uma saída
Por onde eu possa passar.
E é tão grande a escuridão
Que também eu não consigo
Definir o que eu sinto
Por não ver ao meu redor.
Sei que me sinto só
E mesmo sem ter a certeza
Por que tenho esta tristeza
Quero este muro quebrar!



CONTOS E POEMAS

Vol. III

TÃO DISTANTE

A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Fogo

Por Thiago Alberto Schuenck Larsen

O amor pela literatura surgiu cedo. Aos 14 anos, Thiago Larsen, publicou as primeiras linhas e, aos 17, o primeiro livro. Sob o pseudônimo de Gustavo Moreira, lançou três obras — Sem Limites, Tela Vazia e Vida Real Imaginada —, além de conquistar alguns prêmios literários. Hoje, aos 31 anos, mais maduro e consciente do ofício, retorna ao cenário literário com o propósito de manter viva a literatura — nele e em quem me lê.

Aquela sala ampla era mais do que um abrigo, era um laboratório de histórias, um santuário da palavra. Quem se sentava perto do fogo virava contador ou ouvinte. Às vezes, os dois ao mesmo tempo.

Versos, estrofes, parágrafos e capítulos surgiam ao sabor da experiência de cada narrador, mas também dependiam da bagagem de quem ouvia.

Uns catalogavam personagens e fatos como quem organiza uma biblioteca imaginária. Outros, deixavam-se levar pelo fluxo da narrativa, como se cada relato fosse escrito num papiro sem fim. Ali, não havia plateia passiva. Todo ouvinte atento, todo comentarista sutil, todo silêncio bem colocado — era parte viva do conto.

A sala era feita para o devaneio. Para o mergulho. Para o entrelaçar das vozes que se confundiam entre a memória, o sonho e o fogo. Quando a história era boa, ninguém dizia nada. Apenas o crepitar da lenha quebrava o silêncio e a voz do narrador ocupava todo o espaço.

À volta da lareira, passava-se a cuia do mate e a garrafa de café. O calor do fogo espantava o inverno lá de fora. Pela janela, uma neblina espessa escondia a noite. A lua cheia mal dava conta de romper aquele véu.

As luzes e sombras da lareira hipnotizavam as crianças. O fogo se tornava uma espécie de cinema encantado — mas muito mais interessante, pois era a criatividade que entrava em cena. Poemas ganhavam movimento, imagens abstratas viravam histórias, sonhos lúcidos se misturavam a memórias vívidas, e os risos — aqueles risos deliciosos — enchiam os ouvidos e acalmavam os corações acelerados.

Enquanto as perninhas corriam pra lá e pra cá, entre um esconde-esconde e um pega-pega, os adultos se ajeitavam mais perto da lareira, prontos para os assuntos de “gente grande”.

Foi numa noite assim que eu ouvi a história do seu Chico. Um homem miúdo, de fala lenta e dentes escassos, mas com muitas palavras estocadas na boca. Nem ele sabia ao certo sua idade. Vivia no campo desde que se entendia por gente, e nunca se preocupou com essas modernidades burocráticas.

Na maior parte do tempo, contava causos da mocidade — sempre com um brilho no olho e saudade no peito. Mas naquela noite, o tom era outro. A voz veio mais baixa, como quem carrega peso antigo.

Tudo, segundo ele, começou numa tarde quente e bonita. Já havia cuidado das criações e feito tudo o que podia na lavoura. Depois foi ver seu cavalo preferido — um “campeão nato de corrida”, dizia ele. Estava na baia, preparando o animal para a prova mais importante da temporada. Não era um páreo fácil. Mas se ganhasse... ah, se ganhasse, não precisaria se preocupar com dinheiro por um bom tempo.

Andava aplicando umas medicações para deixá-lo mais veloz e resistente. Nada “fora da lei”, segundo ele, mas também nada que o juiz da corrida precisasse saber. O filho mais novo estava com ele — o caçulinha. Aquele menino fazia tudo com o pai. Tirava leite, colhia da horta, rachava lenha. Era seu companheirinho inseparável.

Naquela tarde, lá estava ele na baia, ajudando o pai a preparar o cavalo. Tudo corria dentro do esperado, até que o seu Chico aplicou a última injeção. Foi quando o bicho enlouqueceu. “Parecia que o demônio tinha entrado naquele corpo imenso e nervoso”, disse seu Chico, fazendo o sinal da cruz, prosseguiu: “me acertou um coice bem no beijo!”

Foi aí que todos na roda riram, e ele apontou o vão dos dentes com orgulho — como uma medalha de guerra. Mas aquele riso não duraria muito. O que viria a seguir roubaria todo o brilho da piada e traria uma continuação amarga: “O desgraçado me deixou tonto com a porrada, e eu não consegui me levantar de imediato. Vi meu filhinho paralisado de medo.”

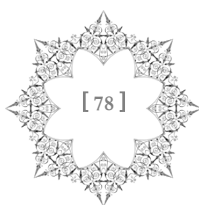
O cavalo pulou desgovernado, desferindo coices como se estivesse possuído. Um deles acertou em cheio a cabeça do menino, que tombou no ato. O animal, ainda em surto, pisoteou o frágil corpo da criança e quebrou o tornozelo do seu Chico.

Ao ver o filho entre a vida e a morte, seu Chico diz ter reunido forças que nem sabia que tinha, “botei o cavalo no chão no muque!”, dizia, como quem carrega a dor no punho. Afinal, eram muitos anos de serviço pesado.

O fim quase foi trágico. A criança sobreviveu, mas nunca mais foi a mesma. Ficou traumatizada. E assim que cresceu, deu um jeito de ir embora da roça. Bem longe. Seu Chico perdeu a corrida. Mas ganhou uma certeza de que a vida é frágil demais — e pode acabar de repente. Por isso, merece ser vivida com vontade: “ela passa mais rápido que aqueles cavalos no dia da corrida. Se a gente se distrai, já perdeu tudo. Fica só na raia vazia, vendo as pegadas do que passou.”

Depois da história do seu Chico, a prosa tomou outro rumo. Voltaram as conversas leves e os risos soltos. Porque perto do fogo — com amigos e família — as almas se aquecem e se entendem com o mundo. Quase como se voltássemos aos primórdios, quando os primeiros humanos descobriram essa maravilha calórica, que facilitou a digestão, ajudou o cérebro a se expandir e nos tirou do cru para o cozido — o protótipo do churrasco.

Diante das chamas, viajamos no tempo e lembramos: assim como esse fogo, nossa centelha de vida um dia se apaga. Mas até lá... há muita lenha para queimar. E muitas histórias para aquecer a memória.



CONTOS E POEMAS

Vol. III

TÃO DISTANTE

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Lembra?

Por Thiago Alberto Schuenck Larsen

O amor pela literatura surgiu cedo. Aos 14 anos, Thiago Larsen, publicou as primeiras linhas e, aos 17, o primeiro livro. Sob o pseudônimo de Gustavo Moreira, lançou três obras — Sem Limites, Tela Vazia e Vida Real Imaginada —, além de conquistar alguns prêmios literários. Hoje, aos 31 anos, mais maduro e consciente do ofício, retorna ao cenário literário com o propósito de manter viva a literatura — nele e em quem me lê.

Sabe, tem noites
que a solidão bate,
vem de repente
como serpente
dá o bote,
nem a aguardente
mais forte
anestesia a saudade
fico à deriva, sem resgate.
Nessas horas é tenso lembrar:
o brilho do teu sorriso, teu olhar,
toda aquela a tua sabedoria,
as gírias que você usava.
Todas as suas palavras
me soavam como poesia...
Lembra quando a gente rodava
por várias versões dessa cidade
fugindo, de leve, da realidade
com o fato que você bolava?
Lembra que a gente filosofava,
nosso papo jamais foi vazio
e a gente conversava e versava
éramos o encontro de mar e rio
com a mente e a língua à mil.
Nosso assunto só tinha fim
quando era pra sua boca

colar docemente na minha
e declarar exatamente ali
o que não cabe nestas linhas.
Depois: nós 2 grudadinhos
no nosso aconchegante ninho.
Aprendemos com Cartola
que a vida é um moinho
evitamos sonhos mesquinhos
pra frente foi a nossa bola.
Lembra quando tudo era novo?
Me fazia da sua corte o bobo,
tudo em nome da rainha
eu entregava o que era e tinha

Lembra da nossa lombra?

Pena que acabou
nossa brisa foi longa
mas como o tempo voou
foi luz e sombra
só saudade ficou

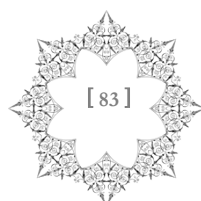
Lembra da nossa lombra?

O pior é que terminou

Lembra quando a gente dormia?
Eu começava sempre o dia
com cafezinho no quarto,
na parede: nosso retrato
Ah, era mó barato!
Nossos sonhos, nossos fatos

se um poema se escrevesse
cada vez que me lembro de você
já teria chegado ao céu
uma torre de papel
bem maior que a torre de Babel
Lembra quando a gente era?
Pena que isso tudo passou.
Só a lembrança restou
não tem novas memórias
não vou ter mais histórias
desde que você foi embora
até minha estrofe chora.
Sei que vou encontrar,
curtindo em algum lugar,
uma nova mina da hora.
Mas, até te esquecer demora
só que a vida tá no agora.
Preciso de uma nova dona
O compositor tá cafona
Precisando de truques novos
Na lenha vou meter fogo
E c'a fumaça esquecer
Que um dia amei você.
Curtir um novo rolê
pra fugir desse clichê
de por amor sofrer
a chama há muito deixou de arder

das cinzas vou renascer
e uma nova vida vai nascer



CONTOS E POEMAS

Vol. III

TÃO DISTANTE

A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Caso de família

Por Thiago Alberto Schuenck Larsen

O amor pela literatura surgiu cedo. Aos 14 anos, Thiago Larsen, publicou as primeiras linhas e, aos 17, o primeiro livro. Sob o pseudônimo de Gustavo Moreira, lançou três obras — Sem Limites, Tela Vazia e Vida Real Imaginada —, além de conquistar alguns prêmios literários. Hoje, aos 31 anos, mais maduro e consciente do ofício, retorna ao cenário literário com o propósito de manter viva a literatura — nele e em quem me lê.

— Só falta esvaziar a penteadeira — declarou a irmã, com a voz pesada. Aquele móvel fora, por anos, o altar da mãe. Era ali que ela se sentava quando a tristeza batia, abria um livro ou rabiscava pensamentos soltos em folhas avulsas; era ali que se preparava para as festas, cuidava do rosto, ajeitava os cabelos e devolvia brilho à própria alma.

Desde pequenos, eles aprenderam: aquele era o território sagrado da mãe. Intocável. Ela não gostava que remexessem seus batons, seus pentes, seus perfumes. Quando o mundo lá fora estava desalinhado, ela se realinhava ali, diante do espelho.

— Parece que ainda sinto a mãe aqui — disse o irmão. — Quase consigo vê-la nesse espelho, cantarolando enquanto se arrumava, com aquela calma só dela.

O silêncio que veio depois foi cheio de ecos. Cada um mergulhado em memórias que o tempo insistia em guardar naquele móvel.

— A última vez que a vi aqui foi no dia do seu casamento — lembrou o irmão. — Ela estava radiante. Parecia até mais jovem.

A irmã sorriu e disse: — A última imagem que tenho é dela em silêncio... foi no velório do pai. Ela olhava fixamente para o próprio reflexo, como se examinasse cada ruga, cada marca... como se aquele espelho fosse uma máquina do tempo.

Sem dizer mais nada, a irmã se sentou diante do espelho, repetindo o gesto da mãe. Refletia, não apenas seu rosto, mas também **versões da mãe e da vida que só existiam na memória**. Enquanto isso, o irmão abriu a gaveta. Um a um, começou a tirar os objetos de beleza. A irmã despertou do transe e foi buscar uma caixa. Juntos, começaram a guardar tudo. Até que, ao esvaziarem a última gaveta, a irmã percebeu algo estranho: uma fresta no canto do fundo. Forçou um pouco, e o painel de madeira cedeu. Chamou o irmão. Ele se aproximou, e juntos removeram uma fina chapa de madeira.

Haviam encontrado um fundo falso. No pequeno esconderijo, encontraram algumas joias e um envelope amarelado. A irmã o abriu com cuidado — o conteúdo daquela carta, escondida por tantos anos, só podia ser algo importante. Ou misterioso. Sentou-se novamente diante da penteadeira, como se aquele fosse o único lugar capaz de acolher a verdade. Abriu a folha dobrada com as mãos trêmulas e começou a ler:

“Se você está lendo isto, é porque ou eu morri, ou estou em um asilo. Independentemente de qual seja a tragédia, eu finalmente posso contar o que vivi naquela noite. Deixo como herança a memória que passei a vida tentando apagar — uma lembrança que, por fora, eu dizia ter perdido, mas que por dentro jamais deixou de existir. Escondi essa verdade até o último segundo.”

A irmã parou de ler. Seus olhos subiram da carta e fitaram o irmão, que andava de um lado para o outro no quarto, inquieto como quem já sabia o que viria.

— A gente sabe muito bem de qual noite ela está falando — comentou ele, sem encará-la.

— Ela mentiu sobre isso todos esses anos — murmurou a irmã, com a voz embargada. Inspirou fundo e continuou:

“A verdade é que era impossível esquecer. Depois daquela noite, nunca mais consegui viver em paz. Mas eu não queria preocupar ninguém. Não queria ser chamada de louca. Nem aguentar olhares de pena, muito menos risadas de desdém. Por isso, fingi que esqueci. Mesmo assim, durante anos, ainda me perguntavam: *‘O que foi que aconteceu naquela noite?’*. Se eu pudesse apagar uma memória, seria essa. Apagar os detalhes. As imagens. O som. O que vi. Mas não consegui. Nunca. Então vamos aos fatos”.

A irmã respirou fundo e então retomou a leitura:

“Os meninos tinham saído com o pai deles, foram visitar algum amigo do falecido. Eu quis ficar. Estava cansada e nunca gostei muito do dito cujo. Abri

uma garrafa de vinho e me sentei para ler. Distraída pela leitura, não percebi o tempo passar. Quando dei por mim, já era noite. Morávamos em uma região rural, a luz pública era escassa, e pela janela da sala eu só enxergava as silhuetas da estrada. Até aquela noite, eu nunca tinha sentido medo do escuro. Acendi as luzes externas da varanda e do portão, voltei para o sofá e tentei retomar a leitura. Foi quando ouvi um barulho na porta. No começo, ignorei. Achei que fosse um dos cachorros. Mas o barulho aumentou. Pensei que talvez fosse a Raimunda — nossa vizinha, lembra? — morava a uns 600 metros da gente. Às vezes, aparecia pedindo açúcar ou farinha para terminar um bolo. Achei estranho. Ela sempre gritava de longe, avisava que vinha chegando. Mas dessa vez... era só o barulho. Deixei o livro sobre o sofá e fui até a porta, ainda segurando a taça. O som estava mais intenso. Quando abri, eu vi. Era uma criança. Encolhida. Enrolada em trapos. Roupas sujas, rasgadas. Tinha mais aspecto de bicho do que de gente. E os olhos... os olhos eram tão pesados. Tão sofridos. Não devia ter mais de sete anos. Ela me encarou por alguns segundos — longos segundos — e então perguntou: ‘Não me reconhece, mamãe?’. Na hora, meu sangue congelou. A luz da varanda falhou. Minhas mãos tremiam. A taça escapou e se espatifou no chão. O vinho espalhou-se pelas minhas pernas e pela parede próxima. Vermelho. Como sangue.”

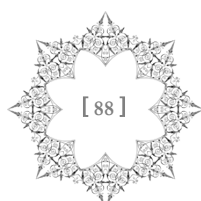
A irmã pausou a leitura. O irmão não se conteve: — Como assim, “*mamãe*”? O que ela quer dizer com isso? A gente tem mais um irmão que nunca conheceu?

A irmã lançou-lhe um olhar seco, irritado pela interrupção: — Se você me deixar terminar de ler, a gente vai descobrir. Ele assentiu em silêncio, e ela voltou à carta:

“Sangue. Essa era a única palavra que me vinha à mente. Mas não era só um pensamento — era uma sensação. Era como se ele escorresse por todo o ambiente. Comecei a me sentir sufocada por ele, engasgada, submersa. Foi aí que apaguei. Quando acordei, o pai dos meninos segurava minha cabeça no colo. As perguntas vieram — todas elas. E aqui está a resposta: naquela noite, eu vi a criança que abortei pouco antes do casamento. Perante a sociedade, eu precisava me casar virgem. Mas o bebê, que florescia em meu ventre, era fruto

de uma infidelidade durante o noivado. Não podia existir. Não podia sair da terra pecaminosa que eu chamava de corpo. Eu só espero que ela esteja bem. Com amor, Mamãe.”

A irmã baixou a carta devagar. Nenhuma palavra foi dita. Mas ambos sabiam exatamente o que precisava ser feito: caminharam juntos até a cozinha, acenderam o fogo e assistiram àquela página — àquela memória — ser consumida em silêncio. Afinal, algumas coisas, na vida, é melhor esquecer, apagar ou fingir que nunca existiram.



**CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO**

SELO CONEXÃO LITERATURA



**TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: CLIQUE AQUI**

**VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG**

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI